



Blumenau em cadernos

TOMO XXIX

Nov/Dez de 1988

Nºs. 11/12

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir as edições mensais desta revista, durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.

Companhia Hering

Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Sul Fabril S/A.

Casa Willy Sievert S/A. Comercial

Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.

Tipografia e Livraria Blumenauense S/A.

Companhia Comercial Schrader

Buschle & Lepper S/A.

João Felix Hauer (Curitiba)

Madeiraira Odebrecht Ltda.

Lindner Herwig Shimizu — Arquitetos

Móveis Rossmark

Artur Fouquet

Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.

Paul Fritz Kuehnrich

Casas Buerger

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXIX

Nov/Dez de 1988

Nº. 11/12

SUMÁRIO

Página

A Colônia Hammonia 1879 - 1922 — José Deeke	318
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	333
Fidelidade a Napoleão — Frei Estanislau Schaette	337
Peixes do Itajaí e do Garcia — Carlos Eduardo Zimmermann ...	338
Subsídios Históricos — Coord. e Tradução: Rosa Herkenhoff .	342
A Família Bohn em Santa Catarina - VI — Pe. Antônio F. Bohn	344
Genealogia da Família Emil Wehmuth — Rodolfo Thomsen	346
Aconteceu... — Outubro de 1988	353
Jubileu (50 anos) de sacerdócio — Redação	356
As lutas políticas em Blumenau no século passado	358
Dois novos conselheiros integram o Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau"	360
A presença de Teixeira de Freitas em SC — Antônio R. Nascimento	361
Dois contos pitorescos — Max Meinecke	363
Conselho Curador reuniu-se e deu posse a dois novos conselheiros	365
A nossa mensagem	368

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) Cz\$ 850,00 + 150,00 (porte) = 1.000,00
Número avulso Cz\$ 100,00 — Atrasado Cz\$ 200,00

Assinatura para o exterior Cz\$ 1.500,00 + 500,00 (porte) = 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711
89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

A Colônia Hammonia 1879 - 1922

Dia 8 de novembro, 25 anos de fundação

(Trabalho elaborado por José Deeke)

INTRODUÇÃO

A Colônia Hammonia é semelhante à Colônia Hansa, fundos dos municípios de Joinville e São Bento. É originária da Companhia Colonizadora Hanseática Ltda, de Hamburgo. Essa Companhia surgiu no início de 1897 em Hamburgo, para realizar a Concessão Colonizadora Fabri. Carl Fabri, último diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática, fundada em 1849, em 28 de maio de 1895 firmou um contrato com o governo de Santa Catarina. Neste contrato recebera 600.000 hectares de terras do governo a 1\$500 por hectare; mais 50.000 hectares das terras do principado a 2\$000 o hectare. Tinha por fim a condição de colonizar essas terras num espaço de 20 anos com colonos europeus. Anualmente podiam entrar 6.000 imigrantes. Hoje, 25 anos depois da fundação, se revermos a posição da colonização das Colônias Hanseáticas, se verifica que a área adquirida naquela época era 170.000 hectares. Hoje 70.000 destes estão habitados e na sua maioria ocupados por elementos vindos de regiões vizinhas. Admira-se como puderam assumir naquela ocasião tal compromisso de colonizar com europeus uma área de 650.000 hectares em apenas 20 anos. Mas é preciso analisar as bases na qual estava estabelecido este plano colonizador. Estas bases eram os decretos que o governo provisório da jovem República brasi-

leira havia lançado para dar maior iniciativa à colonização de terras. Naquela época o governo custeava a vinda de imigrantes para as Sociedades Colonizadoras e existiam vantajosos prêmios por família de imigrantes instalados, estrada feita, etc. Sob estas condições a Sociedade Colonizadora Hanseática certamente também teria conseguido seus objetivos. Aconteceu porém que justamente quando esta Sociedade iniciava seus trabalhos, o governo brasileiro cancelou as vantagens e assim tornou-se impossível a Sociedade progredir no trabalho de colonização.

O capital da Sociedade Hanseática por ocasião de sua fundação, tinha se elevado de 50.000 marcos para 1.153.000 marcos. Deste capital, a Companhia Colonizadora Hanseática tinha que pagar 250.000 marcos, pois assumira o ativo e o passivo; com o restante de 903.000 marcos iniciou seus trabalhos.

Na época em que a Companhia Colonizadora Hanseática assumiu a Sociedade em 1849, o senhor Carl Fabri e H. von Gerhardt dirigiam os negócios em Hamburgo. A direção da Colônia Dona Francisca estava nas mãos do senhor Axel von Diringshofen que morava em Joinville. Logo depois A. W. Sellin foi contratado para o trabalho. Este senhor fora por muitos anos diretor da Colonização no Rio Grande do Sul.

Em 12 de agosto de 1897 ele

chegou ao Rio de Janeiro e de lá seguiu imediatamente para a capital do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, onde mandou transferir o contrato de Fabri para a Nova Companhia e a 30 de agosto chegou a Joinville, onde logo assumiu a direção que estava com Axel von Diringshofen. Este senhor que já havia iniciado seus trabalhos continuou a serviço da Companhia como inspetor. Os trabalhos técnicos da Nova Colônia no Itapocú estavam nas mãos do engenheiro Gieseke, estes já estavam adiantados e há 30 de julho, um mês antes da vinda de Sellin, já podiam ser vendidos os primeiros lotes. A Colônia Hansa por este motivo tomou esta data como dia de sua fundação e no ano passado festejou seus 25 anos de fundação.

A nova Colônia no Itapocu, era primeiro um novo distrito da Colônia Dona Francisca, e somente em outubro de 1897, por proposta do diretor Sellin, passou a denominar-se Hansa.

Em consequência surgiram nos municípios de Joinville e São Bento os distritos Itapocu, Pirahy, Sertão de São Bento e no município de Blumenau o distrito Itajahy-Hercílio. Este sistema de distritos tão afastados não foi de grande valia. Os nomes dos distritos eram tão poucos conhecidos que o nome Hansa passou a ser usado para todos. Por esse motivo, com o tempo surgiram muitos enganos e aborrecimentos que resolveu-se denominar a totalidade de distritos simplesmente Colônia Hanseática. O nome Colônia Hansa, somente ficou para o distrito Itapocu, que era ligado ao distrito Pirahy e São Bento. A Colônia até então cha-

mada de Itajahy Hercílio, passou a ser Hammônia. Isto foi muito acertado, pois o antigo distrito Itapocu, passara já algum tempo a ser distrito municipal de Joinville, sob o nome Hansa.

Depois que o diretor Sellin se recuperou em outubro de 1897 de uma forte febre que o atacara quando tratava de novas viagens de reconhecimento pelo Braço do Norte do Itajai, onde devia ser instalada uma segunda grande Colônia, em Blumenau nomeou o senhor Phillip Doerk como inspetor e depois seguiu com o engenheiro Odebrecht para reconhecimento do Rio do Norte. Tinham inicialmente que tratar de abrir uma estrada de comunicação. Como ponto de partida o senhor Odebrecht sugeriu ao senhor Sellin a projetada cidade de Riachuelo em Lontras. O diretor seguiu para o local, achou-o adequado, mas notou que a distância de Blumenau por Riachuelo em direção ao Braço do Norte, era grande (100 km), havendo possibilidades de torná-la mais curta. Solicitou a Odebrecht para não prosseguir com os trabalhos. Seguiu pela estrada de Subida, rio acima, e verificou, como consta em seu relatório de 27 de novembro de 1897, que esta estrada seria inviável, devido às enormes rochas. Neste meio tempo, ouvira de caçadores, que a partir do rio Cocho, existia uma boa trilha para o Braço do Norte. Contratou os agrimensores Heinrich e Pfeiffer, para verificarem esta picada. Estes seguiram a trilha subindo sempre; chegaram ao Morro do Cocho, na desembocadura do rio Taquaras. Como se sabe, foi nesta picada que se construiu a onerosa estrada do Cocho, que hoje em dia es-

tá praticamente abandonada. A estrada pela margem do rio foi por muito tempo considerada impraticável, mas finalmente, chegou-se à conclusão que poderiam transpor as dificuldades facilmente. Hoje em dia a estrada segue junto às temidas rochas até o rio Itajaí-Açu, tão distante até onde é possível colonizar. É lamentável que não fora construído logo esta estrada; assim Hammonia, teria uma saída de estrada confortável e muitos aborrecimentos evitados.

Depois que o diretor Sellin autorizou a construção da estrada do Cocho a 7 de novembro, juntamente com Odebrecht, alguns trabalhadores e um cozinheiro iniciaram em canoas a grande viagem pelo rio. No primeiro dia chegaram até a desembocadura do Braço do Norte onde acamparam. No segundo dia, até a desembocadura do rio Taquaras. Foi ali que o diretor Sellin, a 8 de novembro de 1897, elaborou o plano para a nova Colônia, para a qual ele escolheu o nome Hammonia. Esta é a data que nós consideramos como a da fundação.

No dia seguinte seguiram viagem. Em 11 de novembro, alcançaram a meia ilha onde hoje encontra-se localizada Neubremen. Até ali Odebrecht havia há 26 anos passados, explorado o rio e o grande afluente que ficou conhecido como Rio dos Índios. O Diretor Sellin fez uma mudança de nomes, denominando-o com o nome do reconhecido e estimado por todos, Dr. Krauel, chamando-o de Rio Krauel. Assim desprezou-se o nome de Rio dos Índios. Foi também desta forma que formou-se um outro afluente, mais tarde conhecido como Rio do Pau-

lo. Como a denominação "Braço do Norte do Rio Itajahy" não era uma denominação adequada, e causara muitos enganos e confusões, o diretor Sellin resolveu homenagear o atual governador, dando ao rio o nome de Rio Hercílio. Ainda mais outros afluentes foram batizados, como por exemplo: o Rio Raphael, o Scharlach, Laeiss, Wiegand, etc.

O Rio Hercílio, naquele tempo, era rico em peixes; o diretor Sellin menciona este fato no seu relatório. O diretor explorou a região até a Serra Dourada, na desembocadura do Rio Deneke. Como era impossível prosseguir e as terras eram impróprias para colonização, o diretor Sellin deu por encerrada a expedição em 15 de novembro.

O início da Colonização

De regresso, em Blumenau, o diretor Sellin procurou tomar providências para dar início aos trabalhos da nova Colônia, que era popularmente chamada de "Die Hansa". Seguiu depois para Joinville, onde tentou conseguir chegar do Rio Negro para a região superior da área do Hercílio. O governo do Paraná havia embargado a margem esquerda do Rio Negro, não permitindo esta exploração, razão porque o agrimensor, senhor Leopold Horn, que veio de Moema, teve que parar seu trabalho. Contra estas arbitrariedades a Companhia nada pôde fazer. Quando houve a disputa de limites entre Santa Catarina e Paraná que terminou em 1917, 20 anos após a fundação da Companhia Hanseática, os trabalhos puderam ser reiniciados, mas não puderam ser concluídos,

devido a primeira guerra mundial que estava no auge. Aconteceu também que as melhores terras da área superior do rio Hercílio foram entregues ao Paraná. As discussões sobre a aquisição das terras restantes ainda continuam em andamento.

De Blumenau partiram os primeiros trabalhadores por um caminho de acesso até Taquaras. Mas encontraram dificuldades nas rochas duras de ardósia e no Salto do Cocho, onde um recife de Diorito de 15 metros de comprimento, precisou ser dinamitado. Finalmente o senhor Gottlieb Reif assumiu a construção da estrada por 2\$300 o metro.

Em abril de 1898, Odebrecht e os agrimensores Theodor Kleine e Johann Denk, começaram a medição dos lotes de terras, e a fazer o mapa hidrográfico do Rio Hercílio e seus afluentes.

Dispondo de 15:5.000\$000, construíram um galpão para o abrigo dos imigrantes.

Em Blumenau o governo estadual pôs o seu galpão à disposição. O Senhor Philipp Doerk, que tinha exigido uma viagem à Alemanha, por ocasião de sua contratação, estava pronto para partir, com uma série de obrigações entregues pelo diretor Sellin, para serem resolvidas naquele país. Durante a ausência de Doerk, o senhor Luiz Abry foi nomeado inspetor.

Quando se encontravam em Hamburgo, os dirigentes Carl Fabri e Hans von Gerhardt se demitiram.

O senhor Doerk passou a dirigir os negócios com o título de diretor e Ferdinand August Wilhelm Märsch como segundo diretor. Estes dois senhores assumi-

ram seus cargos a 1.º de janeiro de 1899.

Neste meio tempo os trabalhos na região de Hammônia progrediam. A estrada do Cocho até Hammônia, uma extensão de 13.318,5 metros, fora alargada e concluída. O galpão para os imigrantes estava pronto.

Do centro da cidade de Hammônia ao longo da estrada do Cocho, havia uma série de lotes enumerados.

O primeiro morador da nova Colônia chegou em julho de 1899; era Willy Lüderwald e sua jovem esposa. Instalados no galpão de imigrantes, tornou-se administrador do mesmo. Os compradores das terras eram escassos. Naquele momento, a diretoria em Joinville não queria mandar imigrantes para a Hammônia. Pretendiam começar apenas quando a região de Joinville estivesse colonizada suficientemente. Mas a vinda de filhos de colonos não acontecia. O diretor Sellin obteve uma mudança do contrato com o governo, no qual estabelecia que uma parte dos colonos podia ser natural da terra.

Apesar de serem poucos os imigrantes, já se iniciava a construção de uma estrada para tropas de gado, e que ligava Hammônia à Colônia Lucena. Os trabalhos tiveram que ser suspensos temporariamente, pois todos os trabalhadores, inclusive agrimensores, adoeceram de malária. A extensão da estrada de Hammônia até Moema era de 79,3 metros; em princípios de 1900 a mesma fora concluída, mas nunca se tornou uma verdadeira estrada de circulação. Isto porque se situava no meio de cerrada floresta e região de Botocudos. Hoje em

dia estradas movimentadas levam até o Dollman pela margem direita, e até Wiegand pela margem esquerda do Rio Hercílio. Mas mesmo assim ainda faltava uma estrada de ligação com a serra. O senhor Luiz Abry conseguiu estabelecer alguns colonos na estrada do Cocho; no entanto os primeiros foram logo embora.

Em fins de 1899 chegaram os primeiros imigrantes alemães. Isto aconteceu contra a vontade da diretoria de Joinville, mas os senhores Struwe e Hinsch, haviam alertado os recém-vindos para a rica terra na região do Hercílio, e estes exigiram em altos brados que queriam ser instalados ali. Estes primeiros "Neudeutschen" (novos alemães) foram as famílias de Carl Engelhardt, Lückan, Kitzinger e Oschmann. Além deles ainda havia um solteiro, o senhor Conrad Wagner. Destes, duas famílias permaneceram para sempre. O senhor Oschmann após dez anos de permanência, mudou para o La Plata e o senhor Eugelhardt faleceu a pouco tempo.

Com a chegada de novos alemães tornou-se mais fácil a colonização. Houve um grande avanço. As margens do Rio Hercílio até o Morro dos Carrapatos estavam quase que completamente lotados. A região de Taquaras, Sellin e Raphael também logo lotaram. No entanto escasso era o loteamento em Hammônia; os melhores lugares tinham sido vendidos, mas não devidamente colo-

nizados, e os lotes que deveriam constituir a cidade passaram a ser áreas de pastagens reservadas pela diretoria. Por este motivo surgiu na desembocadura do Sellin, o lugar conhecido por Neuberlin (Nova Berlin). Ali o senhor Albert Koghin vendia lotes de sua colônia por preços baratos.

No Morro dos Carrapatos a colonização sofreu uma certa parada, porque os imigrantes temiam o morro e o que encontravam depois. Mas quando iniciaram a estrada até Neubremen (Nova Bremen) a situação melhorou.

O diretor Sellin tinha assinado um contrato de três anos de permanência no Brasil. Regressou em meados de 1900 para a Alemanha, onde assumiu o cargo que estava sendo preenchido pelo senhor Doerk.

O senhor Doerk voltou ao Brasil e assumiu a diretoria da Companhia em Joinville. O número de imigrantes que chegavam ao porto de São Francisco aumentava dia a dia, mas poucos iam para a Colônia de Hammônia. A maioria dos recém-vindos não serviam para a agricultura e os lituanos que se prestavam para este trabalho, escolhiam outras colônias onde haviam conterrâneos radicados. Também foram experimentados os Boers do Trausvaal mas sem sucesso.

Enquanto procurava-se aumentar o fluxo de imigrantes que se dedicassem à agricultura, o dinheiro ia se escasseando.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

No ano de 1903 as despesas aumentaram com a vinda dos imigrantes.

A Companhia fez um empréstimo de 1.000.000 de marcos e trouxe de volta o diretor Sellin, para colocar a situação econômica da Colônia em ordem. Havia chegado no escritório central de Hamburgo muitas reclamações referentes ao suprimento alimentar.

Os poucos comerciantes estavam sempre com as prateleiras vazias, pois o transporte pelo Morro do Cocho era muito difícil, e quando as mercadorias chegavam estavam muito caras. Os comerciantes não podiam fazer estoques e enfrentavam o problema da compra a crédito dos colonos.

Acompanhou o diretor Sellin em sua viagem o senhor Mörsch, que com um empréstimo de 60.000 marcos concedido pelo senhor F. Missler, resolveu solucionar este problema de abastecimento.

Na Colônia de Hammônia, nos últimos tempos a situação se agravara. Os colonos, sob a liderança de Julius Radek, se organizaram e formaram a "Liga dos Colonos", que por algum tempo deu o que falar.

Quando os senhores de Hamburgo chegaram à Joinville em companhia do engenheiro Wettstein, encarregado dos trabalhos técnicos, o senhor Doerck e von Diringshofen se demitiram do cargo.

A reorganização constituía principalmente na mudança do escritório geral de Joinville para Hammônia. Esta medida foi muito acertada, pois a região do Itapocu em grande parte já estava colonizada e o campo de trabalho

mais importante passou a ser a Colônia Hammônia.

A diretoria instalou-se no galpão dos imigrantes e imediatamente começou o seu trabalho. O inspetor, senhor Luiz Abry, que continuou a morar em Blumenau, foi encarregado do transporte dos imigrantes. O senhor Otto Wehmuth, contratado por Abry, se encarregou da supervisão e manutenção das estradas. Eu, José Deeke, fiquei com a obrigação das medições e cartografia; como contador estava no posto o senhor Alfons Götting e tudo era supervisionado pelo senhor Mörsch.

Apesar de ter sido resolvido o problema do abastecimento com depósitos e o atrasado dos colonos resolvido, a insatisfação dos colonos era sempre mais evidente. Afirmavam que a Colônia não tinha possibilidades de sobreviver e não haveria campo para vender seus produtos agrícolas. Apesar das promessas para um futuro melhor, os colonos não queriam esperar e abandonaram a Colônia.

O número de novos imigrantes diminuiu e os que vinham geralmente logo iam embora.

Desde o início a Companhia Hanseática de Colonização tinha se empenhado a favor da construção de uma via férrea que viria facilitar a vida dos colonos e a venda dos seus produtos. Infelizmente tudo foi infrutífero.

A própria Companhia tinha resolvido iniciar por conta própria a construção desta via férrea. Para estas despesas e outras, a mesma conseguiu em pouco tempo 200.000 marcos disponíveis. Esta soma mais tarde foi dada como perdida, porque a Cia. Ferroviária Catarinense que construiu a via não indenizou a Cia. Hanseá-

tica. Aconteceu ainda que a ferrovia não foi prolongada até Hammônia como combinado, o que representou uma grande desvantagem para a Colônia.

Entre a diretoria da Colônia também aconteceram mudanças. O engenheiro Wettstein saiu, assim também o senhor Götting foi substituído pelo senhor Kurt, e em lugar do senhor Wehmuth foi contratado o senhor Wernwe Weher, que trabalhara como agrimensurador na região do Itapocu.

Depois que o senhor Föhr em 1907 estudou criteriosamente a situação da Colônia, foi feita nova reorganização no sistema de trabalho.

Todas as despesas foram reduzidas ao mínimo, e também a vinda de imigrantes não foi mais promovida. Muito dinheiro foi economizado e em pouco tempo a Colônia tinha um aspecto progressista.

A Continuação da Colonização

Após 4 anos sem incentivos, no ano de 1909 foi reiniciada a demarcação de novos lotes. Novos colonos entraram na Colônia, assegurando o seu progresso. Havia no entanto entre os novos colonos poucos imigrantes, mais teuto-brasileiros vindos de outras localidades. Primeiro começou o progresso nas margens do rio Hercílio, seguido pelo rio Raphael e por fim, durante os anos de guerra, surgiram as maravilhosas propriedades no Krauel e Índios.

Atualmente o desenvolvimento da Colônia não é acelerado, mas isto certamente é passageiro. Dos lotes medidos foram até agora vendidos 1370, todos destinados à agricultura e 99 à área ur-

banas. Há vários lotes disponíveis para a escolha dos novos imigrantes. Para favorecer os terrenos até agora vendidos, foram construídos cerca de 300 quilômetros de estrada e uma série de pequenas e maiores pontes. Mais de 100 quilômetros estão marcados para estradas de pedestres e cavaleiros; com o tempo serão preparadas para o trânsito.

Constata-se claramente que as condições para um bom desenvolvimento da Colônia está presente. O que falta é a vinda de maior número de colonos. Esta deficiência se deve ao fato de que em todos os cantos de Santa Catarina estão colonizando. Nos últimos tempos a vinda de alemães e suíços tem aumentado um pouco, e os últimos têm preferência pelo planalto da Serra do Mirador.

Com os anos em Hamburgo o diretor Sellin deixou a Companhia e o seu sucessor, o senhor Julius Föhr, morreu no campo de batalha, logo no início do conflito mundial.

Permaneceu na direção Constâncio Kohsahl por alguns anos, sendo substituído em 1920 pelo diretor Dr. Moltmann. Também aqui na Colônia a direção sofreu alguma modificação. Uma necessidade constante era a vinda de um médico. No início foi difícil contratar um na Alemanha. A situação foi resolvida quando Dr. Kübel fixou-se como médico voluntário. Mais tarde, por curto espaço de tempo, foi substituído pelo Dr. Sappelt, mas este logo saiu e Dr. Kübel voltou como médico da Colônia. Este ficou até que o fluxo de imigrantes parou. Como hospital serviram algumas dependências do galpão dos imigrantes. Mais tarde formou-se

uma Sociedade assistencial médica, que começou a construir um prédio para este fim.

Assim, a colonização da Colônia segue em passos lentos mas firmes e atualmente já contava com 8000 habitantes.

Divisão estadual e disposições na Colônia

Inicialmente a Colônia pertencia ao distrito de Indaial, dentro do município de Blumenau. Ali localizava-se o Juiz de Paz, polícia e a última agência postal.

Como primeira instalação oficial: pode ser considerada a inspeção policial cujo inspetor foi Albert Koglin. Em fins de 1914, a Colônia passou a ser um distrito policial, sendo que um cidadão comum foi nomeado delegado, tendo como obrigação zelar pela ordem. A primeira divisão policial do novo distrito era constituída pelas seguintes pessoas:

Sub-comissário: José Deeke -
Substituto: Otto Wehmuth.

Inspetor de quartirão: Richard Bahr — Hammônia; Albert Koglin — Neu Berlin — Sellin; Arthur Weissenbruch — Raphael; Paulo Krause — Neu-Bremen.

Com o tempo foram criadas novas inspetorias e mudanças aconteceram no quadro de pessoas que ocupavam os cargos. Casos policiais de importância não aconteceram, a não ser os ataques dos colonos do Sellin contra uma viúva e seu amigo. O caso teve certo destaque porque os colonos dirigiram suas acusações ao dirigente da Colônia; a polícia de Blumenau interveio, bem como o cônsul da Alemanha. Mas tudo caiu no esquecimento.

A segunda instalação oficial: foi a agência Postal e um ano depois o telégrafo e o telefone.

Por decisão da Câmara Municipal de Blumenau, Hammônia foi a 11 de março de 1912 elevada à condição de distrito de paz. Os primeiros juizes foram José Deeke e Luiz Hedler. Na instalação a 29 de maio do mesmo ano, o senhor Arthur Müller foi nomeado escrivão de justiça.

Nos primeiros anos os colonos não pagavam imposto. No ano de 1905 a direção fez um acordo com o superintendente Alvin Schrader para cobrar os impostos municipais de todos os colonos que estavam radicados na Colônia por mais de dois anos. O dinheiro arrecadado foi aplicado na construção de estradas. O fiscal da Câmara era o mesmo fiscal de estradas. Para efetuar o pagamento dos impostos estaduais e federais, até pouco tempo era necessário viajar até Blumenau. A partir deste ano, a agência cobradora instalou-se em Hammônia. A coletoria federal encontra-se em Indaial.

Hammônia não teve grande proveito, pois quem iria a Indaial também poderia ir a Blumenau.

Para elevar o progresso da Colônia era necessário que ela fosse considerada município, o que mais cedo ou tarde deverá acontecer, pois o número de eleitores já eleva-se a 350 pessoas.

Igreja, a escola na Colônia Hammônia

Os primeiros cultos evangélicos aconteceram no galpão dos imigrantes pelo Pastor Bergold, de Indaial. A assistência católica estava a cargo dos padres Fran-

ciscanos de Blumenau e Rodeio.

Depois que o Dr. Aldinger chegou à Colônia e instalou-se em seu "Palmenhof" (Casa das Palmeiras), este continuou a cuidar da comunidade evangélica. A 2 de novembro de 1902 formou-se em Hammônia uma Comunidade Evangélica que escolheu o Dr. Aldinger como pastor definitivo. No decorrer no ano de 1903 o Dr. Aldinger fez 18 cultos, 22 batizados, 4 casamentos, 9 enterros e 6 confirmações.

Em 1905 realizou várias viagens, e neste tempo foi substituído pelo vigário Röhn.

Em 1907 formou-se uma comunidade evangélica em Taquaras à qual ligaram-se muitos debates e desavenças. Esta comunidade desapareceu e todos passaram a formar uma só. Em 1908 o Dr. Aldinger viajou à Alemanha sendo substituído pelo pastor Hobus. Em 1914 o Dr. Aldinger quis voltar definitivamente para a Alemanha, mas foi impedido pela guerra mundial. Permaneceu até 1920 quando foi substituído pelo pastor Grimm.

Logo após a fundação da Comunidade evangélica em 1902 iniciaram as construções da igreja e da escola que foram concluídas em 1904.

Pretendiam construir futuramente uma nova igreja, mas o conflito mundial não o permitiu. As confusas condições políticas do pós-guerra impediram que se pensasse em nova construção. Em muitos distritos da Colônia, os cultos ainda são feitos nas escolas.

A comunidade católica já bem antes construíra uma pequena mas bonita igreja em Hammônia. A assistência religiosa católica foi durante a guerra retirada dos franciscanos por ordem do bispo, por eles serem alemães, e entregues aos salesianos que eram italianos.

A primeira escola a ser instalada foi em 1902 pelo Dr. Aldinger. Mais tarde outras foram construídas em Sellin, Raphael e Taquaras. No ano de 1905 já existia uma Sociedade escolar que unia todas as escolas de Hansa e cujo diretor era Dr. Aldinger.

Em 1913 existiam 10 escolas com 211 sócios. O número de alunos era de 254, dos quais 219 evangelistas e 35 católicos.

O envolvimento do Brasil no conflito mundial representou um duro golpe para as escolas da Colônia, pois as mesmas foram a princípio fechadas e quando novamente abertas só podiam seguir um programa pré-determinado pelo governo, com os professores que prestaram exame. Muitas comunidades sem condições, continuaram com as escolas fechadas.

Neste meio tempo o governo instalou algumas escolas na Colônia, sendo uma para rapazes, uma para meninas e uma mista em Neu-Bremen. As Sociedades escolares agora são 14.

Final

Em tão curto espaço de tempo em que foi escrito este livro, não foi possível escrever detalhadamente sobre todos os aconteci-

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

mentos nestes 25 anos de existência da Colônia. Quem se interessar que leia o jornal "Hansabote" fundado pelo Dr. Aldinger, cujo primeiro número foi editado em outubro de 1904 e impresso até setembro de 1913; este jornal fora impresso em Blumenau.

Relação das pessoas da diretoria da Colônia

Diretor: José Deeke

Assistente e contador: Bruno Meckien

2.º contador: Carl Kriegbaum

Agrimensor: Werner Weber

Nota: A direção da Colônia Hansa nos municípios Joinville e São Bento, que estão subvencionadas à direção de Hammônia, é dirigida pelo senhor Ernst Globig.

Administração Municipal

Intendente e Fiscal — Paulo Krause

Inspetor da estrada para Taquaras — Max Egerland

Inspetor da estrada da estação — Carlos Krambeck

Inspetor da estrada Subida — H. Ricardo Müller

Inspetor da estrada Sandbach — Franz Roedel

Inspetor da estrada Rio das Pedras — Ceara Müller

Inspetor da estrada Salto Back — Richard Gramkow

Inspetor da estrada de Sellin — Alvin Schoenfelder

Inspetor da estrada de Raphael — August Braatz

Inspetor da estrada de Morro dos Carrapatos — Franz Rosnmek

Inspetor da estrada de Neu Bremen — Carlos Schulze

Inspetor da estrada Moema — Lino Moser

Inspetor da estrada de Griesenbach — Placido Trentini

Inspetor da estrada de Caçadores — Paulo Scheel

Inspetor da estrada de Pinheiros — Ervin Henning

Inspetor da estrada de Boa Vista — Hermann Beer

Inspetor da estrada de Dona Emma — Albert Koglin

Inspetor da estrada de Kranel — Fritz Dierrich

Inspetor da estrada de Mirador — Wilhelm Goebel

Inspetor da estrada de Alto Índios — Richard Kretschmar

Inspetor da estrada de Herta Bach — Cleophas Wollinger

Inspetor da estrada de Caminho do Meio — Erich Reich

Inspetor da estrada de Alto Raphael — C. Uessler.

Administração Policial

Sub-delegado em exercício — Paulo Krause

Inspetor de quarteirão para Hammônia — Freymund Freygang

Inspetor de quarteirão para Sellin — Alvin Schoenfelder

Inspetor de quarteirão Raphael — Luiz Uhlmann

Inspetor de quarteirão Neu Bremen — Arthur Wanselow

Inspetor de quarteirão Moema — Lino Moser

Inspetor de quarteirão de Caçadores — Hilário Peixoto

Inspetor de quarteirão Kranel — João Niess

Inspetor de quarteirão Neustetin — Cleophas Wollinger

Inspetor de quarteirão de Dona Emma — Albert Koglin

Inspetor de quarteirão de Rio das Pedras — Georg Müller

Inspetor de quarteirão de Ca-

nella — Richard Kretzschmar
Juiz de Paz — Hermann
Koepsel

À disposição — Richard Mar-
mein

Escrivão — Arthur Müller
Oficial de Justiça — Adolf
Frankowia

Tradutor — Fritz Schmidt
Agente Fiscal — Luiz Abry
Júnior

Correio

Agente — Harry Hertel
Carteiro da estação — Fritz
Krause

Carteiro para Blumenau —
Emil Dietrichkeit

Telefone

Telefonista — senhorita Maria
Thonsen

Diretor da Estação Duque de
Caxias: Eduard de Lima e Silva
Hoerhan

Encarregado da correspon-
dência do Morro dos Carrapatos
— Dr. Hugo Stranke.

Denominação dos rios, estradas, vilarejos na Colônia Hammônia e origem dos referidos nomes:

ALTO SELLIN — A região
na foz do Rio Sellin na Serra do
Mar. Última medição 1916. Em
parte não colonizada.

ALTO RIO DOS ÍNDIOS —
Região acima da queda do Rio
dos Índios. Medido em 1918.
Quase totalmente colonizado.

RIBEIRÃO DA ANTA — O
Ribeirão Grisebach na sua desem-
bocadura é chamado pelos mora-
dores de "ribeirão d'Anta" por-
que ali há tempos abateram uma
Anta. Este Ribeirão primeiro ti-

nha sido passado despercebido na
sua desembocadura devido às
ilhas ali localizadas.

RIBEIRÃO DO AREIADO —
Este ribeirão que não pertencia
às terras concessionadas à Cia.
Hanseática desemboca no Rio Ita-
jaí. Recebeu seu nome há muitos
anos passados por caçadores, mo-
tivado pelo seu leito muito are-
noso. Colonização particular do
Dr. Aldinger.

RIBEIRÃO DA ANNA — Ri-
beirão afluente na margem direi-
ta do Rio Donna Emma. Chama-
va-se primeiro Ribeirão da Fazen-
da depois passou a se chamar, a
pedido do senhor Albert Koglin
que ali possui terras, Ribeirão da
Anna, primeiro nome de sua es-
posa.

BRAÇO DO NORTE DO RIO
ITAJAÍ — antiga denominação
do Rio Hercílio.

BRAÇO DO SELLIN — de-
semboca na margem esquerda do
Rio Hercílio.

BRAÇO DO RAPHAEL — na
margem direita do Rio Raphael.

RIBEIRÃO DO BANHADO —
afluente da margem direita do
Alto Índios.

BOA VISTA — Córrego e es-
trada na margem esquerda do Rio
Krauel.

CAMINHO DOS CAÇADO-
RES — Na margem direita do Rio
Hercílio de Neu-Bremen até o Rio
Dollmann.

CIPÓ BALANÇO — denomi-
nação popular do lugar na estrada
da Subida Baixa, na margem
do rio Itajaí; margem oposta.

RIO DO COCHO — Desem-
boca na margem esquerda do Ita-
jaí-Açu. É conhecido devido a es-
trada do Cocho que atravessa seu
vale e passa o morro do Cocho.

CAMINHO DO COCHO — Es-

trada que foi o primeiro acesso à Colônia, atravessa sob a balsa acima da desembocadura do Cocho, atravessa o vale e depois sobe 400 metros acima do nível do mar: o morro do Cocho. Esta estrada hoje está praticamente abandonada.

RIBEIRÃO DO CEDRO — afluente na margem esquerda do Rio Raphael. Primeira medição 1914. Denominado devido aos muitos cedros ali existentes.

MORRO DOS CARRAPATOS — o morro que se estende entre a desembocadura do Raphael e Neu Bremen, na margem esquerda do rio Hercílio. Recebeu este nome porque antigamente lá encontravam-se muitos carrapatos.

ESTRADA DO MORRO DOS CARRAPATOS — estrada que margeia o referido morro, conhecida por seus muitos declives. Construída em 1903.

RIBEIRÃO DO CANELLA — na margem esquerda do Alto Rio dos Índios.

CANHARANA — ribeirão na margem direita do rio Dollmann. Ainda não colonizado.

CANELLA — vila em formação na desembocadura do Ribeirão Canella.

RIO DOLLMANN — Afluente na margem direita do Rio Hercílio. Durante a expedição de reconhecimento do diretor Sellin em 1897 denominado por este em homenagem ao cônsul da Alemanha, o senhor C. P. Dollmann. A medição dos primeiros lotes à margem do rio aconteceu em 1916; a segunda em 1921.

RIO DENEKE — afluente na margem direita do Rio Hercílio. Denominado na primeira exploração em 1897 em homenagem ao

físico Dr. Deneke de Hamburgo. Ainda não colonizado.

RIO DONA EMMA — afluente da margem do rio Krauel, chamado assim em homenagem à senhora Emma Deeke. Medição em 1919.

RIBEIRÃO DONA HELENA — afluente na margem esquerda do Rio Dona Emma. Nome em homenagem à senhora Helene Weber. Medição em 1919.

CAMINHO DA ESTAÇÃO — estrada na margem direita do Rio Hercílio que vai até a estação. Colonizada logo no início.

CAMINHO DO ESTE — estrada na margem direita do rio Hercílio, oposto ao centro urbano de Neu Bremen. Por estar localizada ao leste de Neu Bremen.

RUA DA ESCOLA — pequena rua transversal em Neu Bremen entre a escola e o terreno da igreja evangélica.

RIBEIRÃO DO ESTREITO — afluente na margem direita do Rio Dona Emma, chamado assim porque em seu lugar mais estreito está localizado o plateau Stolz.

RIBEIRÃO DO FERRO — afluente na margem direita do Rio dos Índios. Porque na sua desembocadura é encontrado muita rocha de basalto. O povo passou a chamá-lo de Ribeirão do Ferro. Antes era conhecido como O Índio Pequeno. Colonizado por último em 1918.

CAMINHO DA FLORESTA — pequena estrada que do Caminho dos Caçadores leva para as terras distantes entre os Rios Krauel e Hercílio. Colonizado em 1918.

GANCHÃO — denominação da região da desembocadura do Ribeirão Areiado e Ribeirão das Pedras. Chamado assim devido ao

grande gancho aqui feito pelo rio Itajai-Açu. Esta região fica fora dos limites da Companhia Hanseática. Foi colonizada em 1905 e mais tarde anexado ao distrito de Hammônia.

CAMINHO GERAL — estrada na margem esquerda do Rio Hercílio de Hammônia até Raphael.

RIBEIRÃO DO GRISEBACH afluente na margem esquerda do rio Hercílio. Passou despercebido na primeira exploração do rio devido as ilhas que escondem sua desembocadura. Mais tarde caçadores o descobriram e chamaram-no Ribeirão d'Anta, por terem abatido ali uma anta. Mais tarde quando em 1915 a parte inferior foi medida e colonizada, recebeu o nome Grisebach, em homenagem ao senhor Pastor Grisebach.

CAMINHO DO GAVIÃO — estrada na margem direita do rio Krauel e que fez a ligação entre o rio Dona Emma e o rio Krauel Central.

HAMMÔNIA — nome para o lugar, a colônia e o distrito municipal. Está localizado na margem esquerda do rio Hercílio na desembocadura do Taquaras. Sede da direção da Colônia e das autoridades do distrito. Hammônia é a denominação antiga da cidade de Hamburgo.

HANSA — denominação primitiva da colonização da Companhia Hanseática. Agora somente a Colônia no município de Joinville e Itajai têm esta denominação.

HANSAHOF — quando em 1903 o ex-tenente coronel e engenheiro Wettstein entrou para a diretoria da Colônia, adquiriu o lote n.º 20 no Taquaras — Estrada do Cocho, que antes pertencia

ao colono Bayer, e construiu ali uma residência de trabalho para Wettstein. Este chamou a propriedade de Hansahof e conservou por muito tempo este nome até que caiu em ruínas e foi novamente loteado para revenda. O nome depois desapareceu.

RIO HERCÍLIO — este rio antes chamava-se rio ou Braço do Norte. Mais tarde com a exploração do diretor Sellin e Odebrecht recebeu o nome de Hercílio, em homenagem ao governador Dr. Hercílio Pedro da Luz. No vale deste rio fica localizada a Colônia Hammônia.

RIBEIRÃO DO HERTHA — O Ribeirão que passa por Neustein e desemboca na margem direita do rio Hercílio.

CAMINHO HELVÉTIA — estrada que no alto Ribeirão da Jacutinga bifurca no caminho da Peroba e leva à região onde nasce o Rio dos Índios. Imigrantes suíços pensaram em se estabelecer ali, e deram este nome.

RIO DOS ÍNDIOS — este rio quando de seu descobrimento em 1883 chamava-se Rio do Paulo. Com a mudança do Rio dos Índios em Rio Krauel, o Rio do Paulo passou a ter o nome do último. A região desde 1918 está totalmente loteada e colonizada.

RIBEIRÃO DA JACUTINGA — afluente na margem direita do Rio dos Índios. Região colonizada desde 1920.

RIO KRAUEL — chamava-se primeiro rio dos Índios (desde 1871). Em 1897 em homenagem ao estimado embaixador alemão Dr. Krauel, passou a usar este nome.

CENTRAL KRAUEL — região entre a inferior e superior área fluvial. A colonização come-

çou.

CAMINHO DO LACRAU — caminho transversal do caminho do Meio. Assim chamado porque durante os trabalhos de medição, foi encontrado e capturado um pequeno escorpião. Em parte colonizado desde 1918.

RIO LAEISS — afluente na margem esquerda do Rio Hercílio. Em 1897 assim chamado em homenagem ao Conselheiro C. Ferdinan Laeiss.

RIBEIRÃO LUIZA — afluente na margem direita do Rio Hercílio. Localizado na assim chamada concessão Schüller.

CAMINHO DO LEÃO — transversal do Caminho do Tamanduá.

SERRA DO MIRADOR — porque esta serra entre o Rio Hercílio e o Braço do Oeste do Itajaí tem esse nome, não é conhecido. Mas esta denominação relaciona-se com os púlpitos característicos ali encontrados (Miradores ou mirantes).

CAMINHO DO MOEMA — estrada na margem esquerda do Rio Hercílio de Neu Bremen até o Griesebach. Assim chamado porque bem antes neste trecho, iniciaram uma estrada que levaria até Moema.

AVENIDA MISSLER — rua central de Neu Bremen. Tem seu nome em homenagem ao senhor F. Missler de Bremen (1904).

RIBEIRÃO MOÇADA — afluente na margem direita do Rio Sellin. Em sua tradução quer dizer Ribeirão dos Jovens, pois ali queriam fixar-se os filhos dos colonos de Sellin.

CAMINHO DO MEIO — estrada que leva na parte de baixo a Neu Bremen até Scharlach, entre Raphael e a estrada Moema.

Aberto e em parte colonizado. 1917/1918.

CAMINHO DOS MACUCOS — transversal do Caminho do Meio.

RIBEIRÃO DOS MONOS — afluente na margem esquerda do Rio Krauel. Até agora não colonizada. Assim chamado devido aos bandos de monos que ali viviam.

RIBEIRÃO DOS MARRECOS — afluente na margem direita do Rio Krauel. Ainda não colonizado. Assim chamado pelos muitos marrecos selvagens ali existentes.

NEU BERLIN — vilarejo na desembocadura do Rio Sellin. Dois quilômetros rio acima de Hammônia. Recebeu esta denominação pelo proprietário de hospedaria, senhor Hans Rapf, em homenagem à sua cidade natal. (1903) Dr. Wettstein queria mais tarde mudar o nome para Zapfsdorf, mas o velho nome permaneceu.

NEU BREMEN — perimetro urbano em homenagem à cidade hanseática Bremen, instalada em 1904.

NEU BRESLAU — fundação particular acima da desembocadura do Rio dos Índios. Na desembocadura mesmo, localiza-se o vilarejo Neu-Zürich, mas que não aprovou e foi abandonado.

NEU ZÜRICH — lugar na desembocadura do Rio dos Índios, instalada por suíços (1904). Não se desenvolveu porque a maioria dos suíços foram embora.

NEU STETIN — vila em formação na estrada Hammônia e Neu-Bremen no Ribeirão Hertha.

NEU HELEND — (Nova Miséria) — denominação satírica do Alto Sellin.

RIBEIRÃO DA ONÇA — na

margem esquerda do Rio dos Índios.

PALMENHOF — propriedade do Dr. Aldinger; oposta à cidade Hammônia.

RUA DA PADARIA — rua na cidade Hammônia. Assim chamada porque ali localizava-se a primeira padaria.

CAMINHO DOS PINHEIROS — estrada na margem esquerda do Rio Krauel.

RIBEIRÃO DA PACA — afluente na margem esquerda do Rio dos Índios.

RIO PLATE — afluente na margem esquerda no Rio Hercílio. Em 1897 denominado assim em homenagem ao conselheiro Geo Plate. Conhecido devido aos índios ali instalados na sua desembocadura.

RIO DAS PEDRAS — afluente do rio Itajaí-Açu. Não incluído na concessão das terras. Somente mais tarde foi anexado ao distrito municipal de Hammônia.

CAMINHO DO POSTO — estrada entre o Caminho da Boa Vista e o Ribeirão do Posto.

RIBEIRÃO DO POSTO — ribeirão na margem esquerda do Rio Krauel; assim chamava-se ali um antigo posto indígena.

RIBEIRÃO DO RAPHAEL — afluente na margem esquerda do Rio Hercílio. Denominado assim de acordo com a Sociedade São Raphael em 1897.

RIBEIRÃO DO REVÓLVER — afluente na margem esquerda do Rio dos Índios.

RIBEIRÃO DO SABIÁ — afluente na margem direita do Ribeirão do Ferro.

RIO SELLIN — afluente na margem esquerda do Rio Hercí-

lio, chamado assim em honra ao diretor Sellin.

RIO SCHARLACH — afluente na margem esquerda do Rio Hercílio. Chamado assim em homenagem ao Conselheiro Dr. Junior Scharlach, em 1897.

ESTRADA DA SUBIDA — estrada na margem esquerda do Rio Hercílio, rio abaixo de Hammônia.

RIBEIRÃO DA SERRA — afluente na margem esquerda do Rio Dona Emma.

CAMINHO DO SACCO — estrada na margem esquerda do Rio Krauel.

PLATEAU STOLTZ — chapada na Serra do Mirador entre o Rio dos Índios, Ribeirão da Onça e Rio Dona Emma. Recebeu este nome em homenagem ao Conselheiro Hermann Stoltz.

RIBEIRÃO DAS TAQUARAS — afluente na margem esquerda do Rio Hercílio onde na desembocadura localiza-se Hammônia.

RIBEIRÃO DOS TUCANOS — afluente do Ribeirão do Ferro. Colonizado em 1914-1919.

CAMINHO DO TAMANDUÁ — estrada ao pé da Serra do Ribeirão Uru, em direção sul

CAMINHO DO TATU — estrada entre o Rio Krauel e o Rio Hercílio, construída em 1919.

RIBEIRÃO DO TATTETE — afluente na margem direita do Ribeirão da Onça.

RIBEIRÃO DO URU — afluente na margem direita do Rio Krauel. Chamado assim pelos pássaros urus que ali existiam em abundância.

CAMINHO DO URUCURANA — transversal do Caminho Vencido. Chamado assim pela madeira Urucurana.

CAMINHO DO VEADO — es-

trada na margem direita do Rio Hercílio, alto Rio Dollmann.

CAMINHO DA VOLTA GRANDE — estrada na margem esquerda do Rio Hercílio do Ribeirão Griesebach até o alto Rio Wiegand.

VOLTA GRIESEBACH — um pedaço de estrada na margem esquerda do Rio Hercílio, acima do Ribeirão Griesebach.

RIBEIRÃO DA VARCEM — afluente na margem esquerda do Rio Dona Emma.

CAMINHO DO VENCIDO — estrada junto ao Ribeirão do Ferro e dá abertura e acesso à Serra e ao Plateau.

RIO WIEGAND — afluente na margem esquerda do Rio Hercílio. Em homenagem ao diretor

geral Wiegand, assim chamado em 1897. Além destas denominações, muitas outras estão projetadas; assim por exemplo: o Caminho de Helvétia, em continuação do Caminho da Vencida. Assim também no alto Rio Krauel, os afluentes receberam os nomes: Ribeirão do Anu, Ribeirão do Cambará, Ribeirão Tucano Boi, Ribeirão Tucano Feliz, Ribeirão Bemba, Ribeirão Inhambu e Ribeirão do Ca-thangara.

(Tradução: Edith Sophia Eimer)

N. da R. — Eis aí um retrato fiel elaborado pelo notável historiador José Deeke, mostrando Ibirama como era a 8 de novembro de 1922. Graças a este historiador, Ibirama possui hoje sua memória histórica.

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

“Deixar viver é preciso
acreditar no futuro
ainda que obscuro.”

(Jurandir Schmidt)

Realizou-se em Florianópolis, entre 21 e 29 de outubro, a **III Feira do Livro**, promovida pela Associação Catarinense de Editores e Livreiros (ACEL). Nesse período, a par de uma ampla exposição de livros, aconteceram diversos eventos culturais, como lançamentos de livros, exibição de vídeos, apresentações de natureza cultural e outros. Embora afirmem os organizadores que a Feira suplantou as expectativas, em todas as oportunidades em que lá estive — e não foram poucas — a presença de público era bastante rarefeita. Parece-me que havia um excesso de livros técnicos e didáticos, em prejuízo da ficção e da poesia, gêneros que são o grande atrativo das realizações desse tipo. Observei também a ausência de obras de autores catarinenses bastante conhecidos e a inexistência inexplicável de uma barraca destinada à Associação Profissional de Escritores de Santa Cata-

rina (AESC). Espero que esses aspectos, que me parecem relevantes mereçam a consideração dos organizadores da próxima Feira.

Está em circulação o jornal "**Cultura**", órgão da Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte/Fundação Catarinense de Cultura, em seu número piloto. Esse jornal é uma antiga aspiração das pessoas ligadas à área cultural e espero que tenha longa vida, circulando com regularidade e abrindo espaços para os interessados. Neste primeiro número ele contém uma entrevista com a Scretária Zuleika Lenzi e outras matérias, incluindo um conto, resenha, noticiário, manifestações de produtores de cultura no Estado e uma interessante nota prévia sobre a litografia em Santa Catarina, bem como sobre os museus e o centenário de Nereu Ramos.

Duas sessões solenes foram recentemente realizadas em Florianópolis. Uma delas, na sede da Academia Catarinense de Letras, destinou-se a rememorar a vida e a obra do professor **Renato Barbosa**, ocasião em que discorreram diversos acadêmicos, cada um deles abordando diferentes aspectos daquela figura de escritor que pertencia aos quadros da instituição. Na mesma oportunidade foi declarada aberta a vaga de Renato Barbosa e distribuído seu livro "**Alguns Aspectos da Evolução Diplomática**", editado pela UFSC/MEC, contendo diversos ensaios do autor sobre o Direito Internacional, ramo em que era especialista.

No Palácio Cruz e Sousa, em outra data, realizou-se um painel alusivo ao centenário de nascimento de **Aristiliano Ramos**, político lagoeirano que teve longa atuação no Estado e que, na juventude, exerceu o jornalismo. Nesse painel, promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, ouviram-se três expositores, todos eles ligados ao estudo da história, analisando a personalidade daquele homem público e suas realizações.

A **Livraria Alemã**, de Blumenau, promoveu coquetel de inauguração das instalações de sua nova loja matriz, à Rua Amadeu da Luz n.º 260. Nesse evento, que marca importante acontecimento para a vida cultural da cidade, foi lançado o livro "**Blumenau, a loira cidade no Sul**", álbum ilustrado e de excelente apresentação gráfica. Em sua nova sede, a tradicional livraria dispõe de um espaço muito amplo para exposição de suas obras e para a realização de futuros lançamentos de livros e exposições de obras de arte.

Está circulando mais um número do boletim "**Árcadi**", editado pela FUNORTE, da cidade de Mafra, contendo extensa matéria

literária, em que predomina a poesia. É uma iniciativa que vem se mantendo e se afirmando entre os periódicos dedicados à cultura.

Circula também mais um "Boletim" do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, contendo textos relacionados às ciências que constituem objeto de investigação daquela entidade, calendário de eventos, resenha das publicações recebidas e outros informes.

Também está circulando mais um número do boletim "Galope Poético", editado pelo poeta joinvillense JURANDIR SCHMIDT, e que vem obtendo boa receptividade em todo o País, como se constata da copiosa correspondência que vem recebendo de toda parte.

Também está nas ruas um suplemento especial do "Jornal da OAB/SC", inteiramente dedicado à divulgação da Conferência proferida pelo Deputado Federal Constituinte Nelson Jobim, em evento realizado pela entidade que congrega os advogados catarinenses.

Dentre os livros surgidos no período merece destaque "Brasil Quando José", de Marcos Konder Reis, editado pela Livraria Editora Cátedra (Rio — 1988). Nesse volume o conhecido e celebrado poeta catarinense reúne alguns de seus mais recentes e importantes poemas, todos eles reveladores da boa técnica que emprega na elaboração dos seus versos e da sensibilidade que imprime ao seu conteúdo. Autor de uma obra muito vasta, com numerosos livros publicados, Marcos Konder Reis dá ênfase neste livro às facetas poéticas que envolvem nosso passado histórico, as raças formadoras de nossa etnia, figuras e personagens de nossa existência progressiva e outros tantos pontos nem sempre conhecidos, que ele soube valorizar como poucos.

Merecem referência ainda os livros "Esses Homens... e suas Histórias", de Heinz Schütz, editado pelo autor, contendo fragmentos das memórias desse médico da cidade de Indaial, e que foi lançado na noite de 9 de novembro; "O Caso Panther", de José Joffily, editado pela Paz e Terra, lançado durante a Feira do Livro acima comentada, tratando de um interessante episódio ocorrido em nosso Estado e até agora também pouco conhecido; "Alguns Aspectos da Evolução Diplomática", de Renato Barbosa, editado pela UFSC/MEC contendo numerosos trabalhos sobre Direito Internacional da lavra do conhecido professor e escritor conterrâneo. Inúmeros desses ensaios abordam temas da atualidade, merecedores das atenções.

No terreno das artes plásticas, registro a retrospectiva de ALPERTO LUZ, levada a efeito no Centro de Cultura, em Blumenau, onde o conhecido artista trouxe a público uma mostra bem eloqüente de sua ilimitada criatividade. Em Florianópolis, na Casa da Alfândega, foram expostos desenhos de WAGER BOTTARO, de Minas Ge-

rais e ÁTILA ALCIDES RAMOS, de Santa Catarina, com boa afluência de público.

Para encerrar, permito-me transcrever adiante a entrevista que concedi ao jornal "A Notícia", a respeito de minha participação no "Programa Autor/Escola":

EM BUSCA DE NOVOS LEITORES

O escritor Enéas Athanázio acaba de participar do "Programa Autor-Escola", promovido pela Secretaria da Cultura. Com esse objetivo, visitou escolas, proferiu palestras, submeteu-se a sabinas dos alunos e autografou livros de sua autoria. Agora, encerrada essa fase, ele conversa sobre o "Programa" com o nosso repórter.

P — Como funciona, em linhas gerais, o "Programa Autor-Escola"?

EA — A Fundação Catarinense de Cultura consulta, antes de mais nada, os escritores sobre sua disposição de participar do "Programa". A resposta afirmativa já constitui, ou, pelo menos, deve constituir, um compromisso do escritor de participar das outras etapas, até o final. Com base nessas respostas a Fundação Catarinense de Cultura envia dados biográficos e bibliografia dos autores interessados às escolas, cujos alunos escolhem livremente aquele que desejam estudar e conhecer em pessoa. Essa decisão é comunicada à FCC para providenciar a remessa dos livros do autor convidado, fixar as datas das visitas e outros detalhes. Enquanto isso, orientados pelos professores da área, os alunos fazem a leitura e a análise da obra, anotando tudo aquilo que deva ser debatido com o autor, as perguntas a serem formuladas e tudo o mais. No dia da visita, encerrando o processo, o autor comparece e depois de uma breve apresentação responde às perguntas formuladas. O encontro deve ser conduzido da maneira mais informal possível para não inibir os alunos, que são crianças e que se deparam com um estranho.

P — Das escolas em que você esteve, qual a impressão que teve?

EA — Foi a melhor possível. Fiquei surpreso com o conhecimento que tinham dos meus escritos (e até da minha vida), da quantidade e variedade das perguntas feitas, dos detalhes lembrados e do desembaraço com que perguntaram. Também observei a intensa curiosidade que eles têm sobre a pessoa do escritor, o modo como vive e como escreve, seu processo criativo e outras coisas. Esse interesse, aliás, parece não ser apenas dos alunos mas de boa parte das pessoas da cidade, onde a visita acaba virando notícia, despertando curiosidade. O escritor, apesar dos meios de comunicação, ainda é um mito — o "ser diferente", o "bicho raro".

P — Você, então, considera o "Programa" positivo, uma boa iniciativa?

EA — Sim, o "Programa" me parece positivo e por muitos motivos. Ele incentiva a leitura sem o velho recurso de obrigar o alu-

nó a fazer aquelas enfadonhas “fichas de leitura” que, na verdade, nada significam. Estimula também a procura de livros dos autores locais, cuja venda em geral é muito lenta, e divulga suas obras, o que também não é fácil. Pode servir até — quem sabe — para despertar novos talentos para as nossas letras, tão necessitadas que andam deles, dos reais, dos verdadeiros. É ainda uma atividade escolar diferente, mostrando que a leitura não é aquela xaropada que às vezes parece. Para o escritor, além do mais, existe o prazer do convívio com a juventude, a alegria estampada naquelas fisionomias à nossa frente, o afeto e o carinho com que sempre nos receberam.

P — Com base nessa participação, que recomendação você faria?

EA — Eu recomendaria aos colegas de ofício (as vítimas, como eu, do “carnegão literário”), que não falem, de forma alguma, às visitas programadas. Tudo lá é preparado com antecedência por alunos e professores. A ausência do escritor, no dia marcado, seria uma grande decepção, gerando enorme frustração e desânimo para os próximos anos. Também apelaria para que os escritores participem cada vez mais e à Fundação Catarinense de Cultura para que procure manter e aprimorar o “Programa”.

P — Para encerrar, quais seus próximos planos?

EA — Já publiquei um livro neste ano, o “Tempe Frio” (contos). A Secretaria da Cultura vai publicar outro, “O Amigo Escrito”, que é uma evolução de meu livro sobre Godofredo Rangel, aparecido em 1977. A Fundação Casa Dr. Blumenau está editando uma plaqueta com meus trabalhos sobre Sílvio Meira, com a qual espero dar a esse grande amigo e intelectual uma ajuda, por mínima que seja, na sua candidatura à ABL, na vaga de Viana Moog. Por fim, a Associação de Escritores de Santa Catarina (AESC) acaba de lançar “Algemas”, seleção de meus contos mais recentes, dentro da Coleção Corruíra, por ela criada. Como vê, tenho trabalhado sem canseiras, coerente com a velha lição de que para escrever são necessários 10% de inspiração e o restante de transpiração.

Fidelidade a Napoleão

Frei Estanislau Schaette O.F.M., escreveu no livro do Centenário da Imigração Alemã em Sta. Catarina, à pág. 39:

“Em São Pedro de Alcântara moravam o João Unger, Nicolaus Bins, Joseph Schmidt e Nicolaus Hoffmann.

Todos os quatro serviram sob o comando de Napoleão I e demonstraram grande entusiasmo por ele.

O João Unger tinha nas paredes de sua casa, quadros de soldados e corsários daquela época.

Eram quadros bem coloridos e para colar os mesmos nas paredes usava-se cêra de abelhas.

Muitas vezes as crianças vinham

admirar estes quadros e trocavam idéias sobre qual seria o mais bonito, o mais valente, etc.

Num domingo o padre, em seu sermão, relatou um exemplo da vida de Napoleão e repreendeu o imperador severamente.

Os quatro veteranos então presentes à missa se sentiram ofendidos com as palavras do padre. Ostensivamente levantaram-se e abandonaram a capela; lá fora discutiam zangados: como o padre se atreve a falar assim de nosso imperador?

E na venda vizinha afogaram sua mágoa num bom trago, seguindo mais tarde alegres para casa.

Ass.: P. Stanislau Schaette O.F.M.”
(Tradução: Edith Sophia Eimer)

PEIXES DO ITAJAÍ E DO GARCIA

Carlos Eduardo Zimmermann

INTRODUÇÃO

A PRESENTE ENTREVISTA FAZ PARTE DE UMA PESQUISA QUE VISA NA MEDIDA DO POSSÍVEL, INVENTARIAR A FAUNA DA BACIA DO ITAJAÍ-AÇU.

A pesquisa por sua vez faz parte de um projeto maior, denominado inicialmente de PLANO DE MANEJO AMBIENTAL INTEGRADO DA BACIA DO RIO ITAJAÍ-AÇU, que recentemente começou a ser chamado de PROJETO ITAJAÍ.

Deste projeto participam inúmeras instituições do Estado, tanto públicas como privadas, como por exemplo, a Universidade Regional de Blumenau (FURB), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Prefeitura Municipal de Blumenau (PMB), a Fundação de Amparo à Tecnologia e ao Meio Ambiente (FATMA), entidades ecológicas como a Aca-prena (Associação Catarinense de Preservação da Natureza) com sede em Blumenau, a Secretaria de Agricultura do Estado, entre outras.

O Projeto Itajal tem por objetivos: integrar as ações das diversas instituições do Estado que trabalham, de alguma forma, questões de caráter ambiental; inventariar quantitativamente e qualitativamente nossos recursos naturais, gerenciá-los, e paralelo a estas atividades realizar um programa de Educação Ambiental que possibilite no final deste pro-

cesso uma diminuição dos impactos ambientais causados pela intervenção do ser humano nos ecossistemas da bacia do Itajai, promover e ordenar o desenvolvimento econômico sustentado, gerando por fim uma melhoria global da qualidade de vida dos habitantes da bacia, ou seja, um ECO-DESENVOLVIMENTO.

Os depoimentos do senhor Eugenio Siebert demonstram claramente a riqueza que possuíam os rios e ribeirões de nosso município em um passado não muito distante. Demonstra também a falta de consciência de industriais, de empresários e de governos, que não deram, e muitos continuam teimando em não dar, o tratamento adequado para a questão ambiental, para as questões ecológicas.

Todo um patrimônio ictiofaunístico, toda uma fonte de alimento e de lazer foram quase que totalmente perdidas.

O Projeto de inventário de fauna, financiado pelo CNPq, tem como orientadora a prof.^a bióloga Lúcia Sevegnani, da FURB.

"Blumenau, 30 de junho de 1988.

Projeto: Plano de Manejo Ambiental da Bacia Hidrográfica.

Bolsista: Carlos Eduardo Zimmermann.

Orientadora: Prof. Lúcia Sevegnani.

FASE DE ENTREVISTAS

Entrevista n.º 01.

Dados importantes.

— Nome do entrevistado: Eugenio Siebert.

- Data do nascimento:
01/05/1916.
- Localidade: Blumenau.
- Dia da entrevista: 28/06/88.
- Local da entrevista: Em sua residência, localizada na Rua Itajaí, n.º 1397. Blumenau-SC.

PEIXES DO ITAJAÍ E DO GARCIA

- Quando o senhor começou a pescar?
- Aproximadamente em 1942.
- Que motivos levaram o senhor a praticar a pesca?
- Vendo outras pessoas pescando, comecei a gostar de pescar, por esporte; na época havia muito peixe.
- Em que meses do ano era realizada a pescaria?
- Meu período de pesca era no mês de novembro, do dia 5 ao dia 25. Pescávamos todas as noites. Pescávamos bagres e cascudos. Nós só pescávamos nestes dias, pois até esta altura o bagre ainda não tinha desovado; raríssimas vezes pescávamos algum já desovado. Muitas pessoas não respeitavam isto e continuavam a pescar até dezembro ou mais. Depois que a fêmea do Bagre desova, o macho engole todas as ovas e deposita na boca até o nascimento dos peixinhos (alevinos). Para pescar cascudos, naquela época usávamos redes de malha simples, de cordão, não de nylon como hoje em dia. Para pescar bagres usávamos feiticieras, redes com três panos. Fora este período, que era a minha época de férias, pescávamos esporadicamente. Outros peixes também cuidam

dos filhotes, como é o caso do Cará. Eu próprio observei certa vez em um lugar de águas claras, como uma Cará adulta atacou e agrediu um peixe que se aproximava de suas crias.

- Onde o senhor pescou a maior parte de sua vida?
- Em Blumenau, no rio Itajaí e no ribeirão Garcia. No Itajaí, pescávamos desde onde fica a delegacia de polícia hoje em dia, até a foz do ribeirão Garcia. E no ribeirão, pescávamos desde a sua foz até a Igreja Evangélica.
- Que instrumentos eram utilizados para a pescaria?
- Usávamos redes de malha, redes feiticieras, anzol (caniço), puçá, côves e espinhelas. Nunca usávamos tarrafas.
- Alguma vez pescou para realizar comércio e ganhar dinheiro com isto?
- Nunca pesquei para comércio, apesar de receber propostas para tal atividade; só pescava para consumo familiar.
- Que outros tipos de peixes podiam ser pescados naquela época além dos bagres e cascudos?
- Eram bastantes, como: **ROBALO** (de fev. a março), **TRAI-RA**, **JUNDIÁ** (out. a nov.), **CASCUDO-VIOLA**, **CASCUDO-DA-PEDRA**, **CARÁ**, **SAGUARU** (no inverno), **LINGUADO** (muito raro, foi pescado um na foz do Garcia em 1960), **CABEÇA-DE-FERRO**, **TAJABICU**, **TAINHOTA** (ou tainha, maior frequência em maio), **PEIXE-AIPIM**, **CARÁ-DO-AR**, **PIAVA**, **MANDIM**, **MANJUVA** (de out. a nov.).
- Era grande o número de pes-

soas que pescavam?

- Sim. Havia um número razoável de pessoas que pescavam.
- O senhor ainda pesca?
- Não. Primeiro pela minha idade, e em segundo, pela falta de uma boa canoa e um bom acesso ao rio; ambas as coisas eu perdi com a grande enchente de 1984.
- Havia pontos no rio aonde a pesca era facilitada?
- Sim havia. Procurávamos colocar as redes em poços para escapar da correnteza; estes poços tinham em média de 6 a 7 metros de profundidade.
- As outras pessoas que pescavam naquela época realizavam algum tipo de comércio com os peixes pescados?
- Não havia comércio; o pessoal dava ou trocava os peixes, uma outra venda podia acontecer, porém era uma coisa muito esporádica que não podia ser chamada de comércio. Só conheço uma pessoa que ainda hoje se diz autorizada a pescar e comercializar o produto.
- Qual era o seu peixe preferido para pescar e comer?
- É o cascudo, é a carne mais saborosa que conheço, é deliciosa frita, ensopada ou defumada. Para defumar, o melhor peixe é o cascudo-viola.
- O peixe era abundante. O senhor teria exemplos para dar?
- Sim a pesca era abundante, e tenho muitos exemplos para falar. Aproximadamente em 1944, no Garcia, pescamos em uma noite com cinco redes de malha, **180 cascudos**; entre eles, haviam 11 de um quilo. A média de peso girava em torno das 600 gramas. Nesta mesma noite pescamos no rio

Itajaí, dois bagres abaixo da foz do Garcia. Um pesava 9,5 quilos e o outro 10 quilos. Este foi o maior bagre que pescamos. Hoje onde fica o Hospital Santo Antônio, na rua Itajaí, pescou-se 4 bagres com duas redes; em cada uma havia dois, exatamente com o mesmo peso: 6 e 7 quilos. A média por noite era de 50 cascudos. Na lua cheia podia-se observar os peixes nas redes, de tão claras que eram as águas. Nestes anos a fundura do ribeirão Garcia, da foz até a Igreja Evangélica era de aproximadamente de dois metros, pois ao afundar verticalmente nosso remo na água, este só ficava com a ponta de fora. Na década de 60, coloquei uma rede na boca (foz) do Garcia; era uma sexta-feira à noite. No sábado de manhã, quando fui retirá-la, esta não tinha pescado um peixe sequer. Resolvi deixá-la na água até o meio-dia, e quando retornei neste horário para buscar a rede, **esta tinha pescado 52 cascudos**. Neste mesmo dia, um pouco mais acima no Garcia, com outra rede, que ficou na água no meio-dia até às oito horas da noite, pesquei 16 cascudos. Pelo tamanho das malhas das minhas redes, os cascudos de porte pequeno não ficavam presos, não eram pescados. Quando pescávamos cascudos-viola com ovas, estes eram soltos da rede antes de serem retirados da água, pois como os bagres, este peixe leva na boca as ovas, e se for retirado da água expele completamente as mesmas. No final da década de 40, hoje nas proximidades das casas

Pernambucanas, em um poço no rio Itajai, pescou-se 13 bagres com duas redes; em uma rede havia 5 de cinco quilos, mas a média girou em torno dos 3,5 quilos. Aproximadamente em 1944, colocamos duas redes acima da desembocadura do bueiro do ribeirão Bom Retiro, mas logo em seguida despencou uma forte trovoadas, e decidimos retirar as redes com medo de perdê-las. As mesmas não ficaram na água uma hora completa, e mesmo assim pegamos dois bagres, um de 7 e o outro de 8 quilos.

Quando se construiu a beira-rio, o rio foi aterrado com grandes pedras, e muitos lugares bons para se pescar foram perdidos. Camarões e lagostas de água doce eram abundantes, principalmente em lugar rochoso. Até 1983, antes da grande enchente, se pescava algum camarão ainda, mas agora não sei como está. Em 1958 meu filho Nerosi Siebert, pescou 4 cascudos e camarões com um puçá, cuja isca era fígado de galinha. Com tripas de galinha na mesma época pesquei uma lagosta, com aproximadamente 40 cm de comprimento. Em outra oportunidade no Garcia pescamos 22 cascudos. Muitas vezes olhávamos as redes três vezes por noite. No Garcia, em 1948, olhamos a rede às três horas da madrugada. Não havia nada, mas quando olhamos pela segunda vez às seis horas da manhã, havia 18 cascudos. Em 1935 observei uma pessoa pescando no Garcia; esta pessoa encheu dois sacos com cascu-

dos. Eu calculo que deveria ter uns 80 deles.

Meu sogro, Oswaldo Kock, sempre contava para minha esposa Brigida Siebert, que em 1925, para transpor o ribeirão Garcia a pé, na altura hoje do Supermercado Comper, era necessário afastar com os pés os cascudos. Naquela época, dizia meu sogro que ninguém comia este peixe; era muito duro e ninguém sabia como limpá-lo. Na época do bagre - Novembro - na década de trinta, alguns pescadores colocavam suas redes na água quando o vapor Blumenau I se aproximava da cidade. Após a passagem deste, as redes eram retiradas e podia-se pescar dois a três bagres grandes. O barulho do vapor fazia os bagres subir o rio. Na década de 40 podia-se ouvir ininterruptamente as tainhotas (ou tainhas) pulando no rio Itajai, principalmente no mês de maio. Coisas raras também aconteciam, como pescar cascudo com caniço, e também bagres, lagostas e camarões. Algumas tainhotas pulavam dentro da própria canoa quando passávamos perto da margem lambendo o capim com o lado da embarcação, pois estas ao fugirem davam saltos para fora da água. Em Belchior, em uma lagoa que pertencia a um senhor chamado Müller, pescamos sete Traíras, onde uma chegou a pesar dois quilos. Aproximadamente em 1972 pescou-se 18 cascudos no ribeirão da rua Pedro Krauss. Em outra oportunidade, no mesmo ribeirão, foi pescado na década de 50, 42 cascudos

e sete traíras. Uma coisa muito estranha aconteceu na década de 40, mais ou menos em 1944; na foz do ribeirão Itcupava foi pescado um siri; isto nunca mais voltou a acontecer.

— O senhor sente alguma diferença na abundância de pescado dos anos passados para os dias de hoje?

— Sim, muita diferença. Aproximadamente até o início da década de 70 podia-se fazer boas pescarias, mas hoje não é tão fácil como antigamente. . . Mais

recentemente observávamos muitos peixes mortos boiando nas margens do rio Itajaí. Na minha opinião esta diminuição é em virtude da poluição das indústrias.

Carlos Eduardo Zimmermann é estudante de Ciências Biológicas da Universidade Regional de Blumenau — FURB. É bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — CNPq.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 5 de janeiro de 1867:

Dona Francisca. — Movimento escolar. — Na Colônia Dona Francisca existem atualmente onze escolas, com mais de 400 alunos, distribuídos em três escolas públicas, subvencionadas pelo erário provincial, em seis escolas coloniais, mantidas pela Direção da Colônia e pelos respectivos colonos e em duas escolas particulares.

As escolas públicas são as seguintes: 1. — Escola Masculina de Joinville, professor sr. Padre Carl Boegershausen, vigário da Colônia, contando com 103 alunos sendo 85 meninos e 18 meninas (!), pertencendo na maioria à religião protestante. Depois do desmoronamento do antigo prédio, a escola não possui sede própria, há já bastante tempo funciona na Igreja católica. O professor percebe o ordenado anual de 800\$000 Réis, do erário da Província, pela Coletoria de São Francisco. 2 — Escola Feminina de Joinville, professora sra. Doris Palm, com 75 alunas, das quais em média somente 40 e poucas freqüentaram as aulas regularmente. Possui prédio próprio, pertencente ao Governo Provincial, o qual, ao mesmo tempo, serve de residência à professora. Ordenado anual da professora, 400\$000 Réis. 3. — Escola Annaburg, professor sr. Martin Meister, com 60 alunos de ambos os sexos. Possui prédio próprio, construído pela Direção da Colônia. Ordenado do professor, 400\$000 Réis anuais.

As escolas coloniais são as seguintes: 1. — A Escola da Estrada da Ilha, professor Georg Feinauer, com 38 alunos de ambos os sexos. A escola foi fundada em 1864, por iniciativa própria dos moradores

da localidade e possui terreno e casa, construída por meio de contribuições voluntárias. A comunidade remunera o professor, recebendo da Direção da Colônia uma subvenção anual de 60\$000 Réis. 2. — A Escola de Pedreira, professor sr. Jacob Froeblich, com 25 alunos de ambos os sexos. Igualmente construída no ano de 1864, por iniciativa dos colonos das redondezas. Possui terreno próprio com prédio vistoso, construído por meio de contribuições dos colonos. A comunidade remunera o professor, e recebe da Direção da Colônia a subvenção de 160\$000 Réis anuais. 3. — A Escola da Cruz (Para as estradas da Cruz e da Serra). Professor Carl Brauer, freqüentada bem regularmente por 28 alunos de ambos os sexos. Até o presente momento, o próprio professor colocou à disposição da escola a sua casa e recebe o ordenado fixo da Direção da Colônia de 250\$000 anuais e além disso, uma certa mensalidade paga pelos pais das crianças. 4. — Escola da Estrada Parati Número 1. Professor Carl Stern, com 11 alunos de ambos os sexos, ministrando 30 horas semanais de aulas. Merece menção especial o fato de serem dadas aulas adicionais de canto. Os colonos da comunidade construíram um prédio por meios próprios e com auxílio de doações. O professor é bastante mal remunerado: recebe dos pais dos alunos a mensalidade de 400 Réis por aluno e a contribuição anual de 80\$000 Réis da Direção da Colônia. 5. — Escola da Estrada Parati Número 2. Professor Carl Ludwig Lück. Conta presentemente com 23 alunos de ambos os sexos. Horário: Duas horas diárias, das 13 às 15 horas. As faltas somaram, em média, a 5 dias por mês e por aluno. O professor recebe dos pais dos alunos uma quantia certa e da Direção da Colônia 60\$000 anualmente. 6. — Escola da Estrada Blumenau. Professor Heinrich Stolerau. Conta com 17 alunos das 29 crianças em idade escolar, sendo onze meninos e seis meninas. Os moradores da Estrada Blumenau construíram o prédio com seus próprios meios e contrataram o professor, que recebe por aluno uma quantia certa e da Direção da Colônia a contribuição de 120\$000 anuais.

Escolas particulares: 1. — A escola do sr. Jacob Müller, freqüentada em média por 25 meninos e 3 meninas. O programa de ensino compreende também Ciências Naturais, fato este digno de menção especial. 2. — A escola da senhora de Drusina, freqüentada por 15 alunas, sendo cinco de outras localidades.

O Pastor protestante sr. Georg Hoelzel, ministra gratuitamente duas vezes por semana, aulas de catecismo, freqüentadas regularmente por mais de 100 crianças. Com a mesma dedicação, o sr. H. Fissmer leciona canto coral gratuitamente, em dias certos da semana a jovens que se interessam pelo canto.

As duas escolas da Estrada do Parati devem se reunir numa nova sede à rua Santa Catarina. Para este fim já foi adquirida uma área de terra de doze morgos, onde está sendo construído um prédio já em vias de conclusão.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

A FAMÍLIA BOHN EM SANTA CATARINA - VI

Pe. Antônio Francisco Bohn

A Velha Karlsdorf: origem de tudo

Conhecer a origem é conhecer o berço pátrio de nossos antepassados. Depois de apresentar muitos imigrantes da família, conveniente que apresentemos um pouco da história da região de origem. Assim, o emblema mostra na frente, na parte direita, sobre um fundo verde, um cavalo erguido — em prata, também em ouro, uma cruz deitada, um gancho preto de um navio e um remo preto, coberto de um pocal de vinho. É uma combinação do emblema de Dettenheim e de Karlsdorf.

DETTENHEIM

Situada junto ao Rio Reno, já era conhecida em 788. Desde tempos remotos, o símbolo da aldeia foi uma ferradura. De 1686 a 1728, Georg Melchior Schlindwein foi prefeito de Dettenheim e sua sigla pessoal foi a do forum da cidade. O pocal de vinho tornou-se um marcante símbolo para o nome da família Schlindwein (engolir o vinho). O sucessor do prefeito foi um filho de Georg e depois, seu neto. Assim, fortificou-se a sigla particular da família.

Para escapar das contínuas enchentes, os habitantes de Dettenheim mudaram-se para Altenburg. Antigamente, este lugar tinha uma resistente cidadela. Mais tarde, pelo príncipe-bispo de Speyer foi mantida uma criação de cavalos. Por isso, desde o ano de 1809 o emblema do cavalo erguido é conhecido como emblema da cidade.

KARLSDORF

No tempo dos antigos reis francos e, a partir de 1056 sob o domínio do senhor episcopal de Speyer, a cidade pertencia a Bruchsal, uma extensa região. Os nomes, Forst, Neuthard (berço de origem da família Bohn) e Büchenau recordam os grandes bosques naquela região. No processo de reunificação das vilas de maneira administrativa, a atual denominação é Karlsdorf-Neuthard, cujo prefeito é o Sr. Dr. Egon Keflenz.

Portanto, esses três lugares pertenciam a Bruchsal. Forst é conhecida pela primeira vez no século XI. É possível que já existiam também nessa época as aldeias de Neuthard e Büchenau. Dos mais antigos relatos de Neuthard e Büchenau sabemos que estes lugares pertenciam à região de Bruchsal. Os habitantes destes dois lugares, como também Forst, gozaram até o século XIX direitos de cidadão.

Dettenheim, mencionada pela primeira vez em 788, desde 1803 pertencia a Baden, por estar situada à direita do Rio Reno. A partir

de 1754, os campos de Dettenheim sofreram freqüentes enchentes. Assim, perdeu todas as suas propriedades no lado esquerdo do Rio Reno, devido a uma outra divisão do governo da Kurpfalz. Durante mais de 60 anos pediram, através de negociações, a velha divisão e por fim a conseguiram em 1813. Os habitantes voltaram então com todos os seus bens e animais, ao velho castelo Altenburg.

Em agradecimento pela nova demarcação da aldeia à sua antiga área, foi então chamado o lugar — KARLSDORF — (Aldeia de Carlos), em homenagem ao então príncipe. A parte principal do castelo foi a primeira igreja de Karlsdorf, e a torre, entrada do castelo, serviu como prefeitura. Todo o terreno em derredor foi dividido em lotes. Uma parte dos habitantes usava partes dos antigos edifícios reservados para funcionários e a maioria dos burgueses construía novas casas em parte com o material das antigas áreas de Dettenheim, transportados para Karlsdorf.

No decorrer dos anos 1813-1830, Karlsdorf foi emancipada com avaliação dos seus campos, prados e bosques. Seus habitantes, por diversos motivos, especialmente por falta de trabalho remunerado, tiveram grandes dívidas. Entre 1813-1867, em meio à crise, poucas casas foram construídas. Contribuiu, em parte para a emigração.

Só no fim do século XIX a situação começou a se estabilizar quando surgiram algumas fábricas de charutos. Terminada a guerra, o número de habitantes continuou a crescer, agora de refugiados que então formaram parte da população de Karlsdorf. Com as novas indústrias, o lugar começou a crescer mais.

ALTENBURG

Mais ou menos desde o ano de 1394 estava ligada às aldeias de Neuthard e Büchenau. Ali, seus habitantes pagavam os impostos e tinham um "Forum". O velho castelo, freqüentemente recebeu reformas, de modo que em tempo de pequenas guerras, ele foi refúgio para a população. Em 1635, o exército imperial invadiu o castelo e destruiu tudo, deixando-o em ruína, sendo que o povo retirou de lá as pedras necessárias para suas pequenas construções.

Entre os anos de 1720 a 1724, o cardeal Damian Hugo de Speyer construiu uma enorme Casa de Economia, e de 1728 a 1732, um Palácio de Caça, com um imenso bosque e muitos outros edifícios. Na entrada do Palácio de Caça, encontrava-se uma grande torre e a propriedade foi cercada de muros. Mais tarde, em dezenas de anos, a conservação destas grandes obras foi bastante negligenciada por falta de dinheiro da administração aristocrática. Em 1803, até a diocese foi dissolvida e incorporada a uma outra, situada à direita do Rio Reno.

Hoje, a atual denominação Karlsdorf-Neuthard reúne todas essas vilas do passado e constitui-se em nova organização administrativa. No século passado foi dessa região que os imigrantes se transfe-

riram para a região da Colônia Ithajay-Brusque, especificamente na região da atual Guabiruba.

Centenas de anos de história alemã, tradições, costumes... História também construída na nova pátria, história que vivamente é preservada por todos aqueles que, descendentes diretos ou não, orgulham-se de poderem perpetuar "ad eternum" o que aqui se plantou. A história da imigração e da chegada dos colonizadores perpetua séculos do passado e projeta ao futuro, a mesma história que ajudamos a construir.

Genealogia da Família Emil Wehmuth

Rodolfo Thomsen

INTRODUÇÃO

A genealogia da família de Emil Wehmuth foi compilada como demonstração de gratidão pelos 54 anos de meu matrimônio, o qual foi extremamente feliz e bem sucedido graças às virtudes e qualidades de minha falecida esposa, e em honra de nossos antepassados que há mais de 130 anos empreenderam a viagem cruzando o Atlântico em veleiros precários para erigir na nova terra brasileira melhores condições de desenvolvimento para seus descendentes, já que na Europa do trabalho manual daqueles dias as perspectivas eram cada vez menores.

Estes pioneiros — homens, mulheres e crianças, encontrando condições adversas e desconhecidas, edificaram, a partir da densa floresta, agradáveis comunidades, levantaram escolas para crianças e jovens, construíram igrejas, desenvolveram a agricultura e desempenharam os mais variados ofícios, precursores dos estabelecimentos comerciais e industriais.

Este êxito foi produzido com o trabalho, a perseverança, o sentido de organização, a parcimônia e a fidelidade — qualidades que há séculos eram a norma na Alemanha e que foram transferidas para a nova pátria pelos pioneiros.

A preservação das tradições de nossos antepassados deve ser para nós uma missão que nos permita, em conjunto com todos os cidadãos de nosso país e com o auxílio de Deus, construir para nossa bela pátria Brasileira um futuro de progresso, que já lhe parece destinado por suas riquezas, sua

amplidão e seu clima favorável.

A todos os parentes que espontaneamente forneceram dados, bem como a todas as pessoas que auxiliaram na confecção deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

Blumenau, 23 de fevereiro de 1988.
Rodolfo Thomsen

ARVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA EMIL WEHMUTH

Louis Wehmuth, chefe florestal real da Prússia em Elrich, distrito de Erfurt, e sua esposa **Henriette**, nascida **Bensch** (ou **Boehm**), e os filhos **Emil**, **Leopoldine**, **Otto**, **Therese** e **Bruno**, emigraram para Blumenau, aqui chegando em 23 de julho de 1857.

O último filho — **Bruno** — nasceu em 31 de maio de 1857 a bordo do navio "Karoline". Os padrinhos foram Peter Koeln, comandante do "Karoline", Wanda Hesse, esposa do Pastor Hesse, o qual também veio a Blumenau, e Bruno Kost.

O Pastor Hesse celebrou o primeiro culto divino para os colonos alemães no dia 9 de agosto de 1857, numa sala do galpão dos imigrantes.

— — — —

Emil Wehmuth, filho de **Louis Wehmuth** e **Henriette Bensch**, nascido em 10/02/1851 em Elrich, Erfurt, Alemanha, faleceu em 16/06/1933, na Velha Central, Blumenau. Casou-se em primeiras núpcias com **Henriette Wehrmeister**. Tiveram o filho:

Otto Wehmuth, nascido em

13/10/1875 em Blumenau, tendo falecido em 1913 em Rio do Sul. Casou-se com **Clara Reif**. Tiveram os filhos **Paula, Else, Willy, Fides, Erwin e Hedwig**.

Emil Wehmuth, casou-se em segundas núpcias com **Ida Schreiber**. Tiveram 5 filhos:

Oskar Wehmuth, nascido em 26/09/1881 na Velha Central, Blumenau. Faleceu em 10/03/1948 em Blumenau. Casou-se com **Bertha Schneider**, nascida em 14/08/1882 em Blumenau. Tiveram 4 filhos.

Max Wehmuth, nascido em 09/01/1884 na Velha Central, Blumenau. Faleceu em 26/11/1935 em Rio do Sul. Casou-se em Rio do Sul com **Emma Reblin**, nascida em 04/07/1885 e falecida em 01/07/1965 em Rio do Sul. Tiveram 7 filhos: **Charlotte, Alfredo, Irma, Olga, Oswaldo, Ortwin e Helga**.

Marie Wehmuth, nascida em 24/08/1884 na Velha, em Blumenau. Faleceu em 05/10/1963 em Blumenau. Casou-se com **Henrique Otte**, nascido em 25/04/1886 em Blumenau e falecido em 28/07/1960 em Blumenau. Tiveram 4 filhos.

Olga Wehmuth, nascida em 14/02/1888 na Velha, em Blumenau. Faleceu em 25/08/1950 em Pouso Redondo. Casou-se com **Otto Reif**, nascido em 24/08/1886 e falecido em 03/03/1950 em Pouso Redondo. Não tiveram filhos.

Rudolf Wehmuth, nascido em 09/05/1889 na Velha, em Blumenau, tendo desaparecido na revolução de 1930.

FILHOS DE OSKAR WEHMUTH E BERTHA SCHNEIDER

Walter Wehmuth, nascido em 31/09/1901 em Blumenau e falecido em 13/10/1987 em Blumenau. Casou-se com **Frieda Leitzke**. Tiveram 3 filhos:

Nora Wehmuth, casou-se com **Waldesni Gonçalves**. Tiveram os filhos **James Gonçalves e Jones Gonçalves**.

Liane Wehmuth, casou-se com **Ewaldo Kapelke**. Tiveram os filhos **André Kopelke e Adriana Kopelke**.

Christa Wehmuth, casou-se com **Egon Probst**. Tiveram os filhos **Sandra Probst e Claudio Probst**.

Erich Wehmuth, nascido em 29/01/1908 em Blumenau. Faleceu em

29/01/1976. Casou-se com **Gertrud Hering**. Tiveram os filhos **Iloa Wehmuth e Heinz Wehmuth**.

Herbert Wehmuth, nascido em ... 23/02/1916 em Blumenau. Faleceu em 02/02/1979 em Blumenau. Casou-se com **Erica Alice Bartsch**. Tiveram 1 filha:

Karin Wehmuth, casou-se com **Carlos Renato Büchler**. Tiveram os filhos **Simone Büchler e Patricia Büchler**.

— **Herbert Wehmuth** casou-se em segundas núpcias com **Bertha Metzner**. Tiveram a filha:

Elke Wehmuth, casou-se com **Sérgio Passold**. Tiveram os filhos **Juliano Passold, Felipe Passold e Tiago Passold**.

Isa Wehmuth, nascida em 24/03/1919, solteira.

FILHOS DE MARIE WEHMUTH E HENRIQUE OTTE

Edith Gertrud Otte, nascida em 01/11/1908 em Blumenau. Casou-se com **Willy David Siebert**, nascido em 29/05/1907 e falecido em 24/11/1973 em Blumenau. Tiveram 4 filhos:

Relindis Renate Siebert, nascida em 02/03/1933 em Blumenau. Falecida em: 23/02/1934 em Blumenau.

Werner Archibald Siebert, nascido em 09/02/1934 em Blumenau. Casou-se com **Gerta Schlossmacher**, nascida em 30/10/1929 em Blumenau. Tiveram 3 filhos:

Denise Suzana Siebert, nascida em 22/02/1957. Casou-se com **Haiko Hense**, nascido em 17/09/1956.

Denis Ricardo Siebert, nascido em 25/03/1960. Casou-se com **Julianne Fischer**, nascido em 25/01/1964.

Esther Claudia Siebert, nascida em 28/10/1936. Casou-se com **José Gil Fausto Zipf**, nascido em 19/12/1967. Tiveram o filho:

Mariah Siebert Zipf, nascido em 18/10/1986.

Dieter Dagobert Siebert, nascido em 07/04/1935. Casou-se com **Ursula Kuhn**, nascida em 21/09/1937. Tiveram 2 filhos:

André Siebert, nascido em 12/07/1959. Casou-se com **Claudia Freitas**, nascida em 28/12/1959. Tiveram o filho:

Guilherme Freitas Siebert, nascido em 18/11/1986.

Marcel Siebert, nascido em

21/11/1962. Casou-se com **Sandra Patrícia Cordeiro**, nascida em 04/08/1963. Tiveram o filho:

Diogo Alexandre Siebert, nascido em 17/06/1987.

Christa Karin Siebert, nascida em 05/08/1936, solteira.

Sebald Otte, nascido em 09/10/1909 em Blumenau. Casou-se com **Esmeralda Moser**, nascida em 05/08/1933 em Rodeio. Tiveram o filho:

Fabio Otte, nascido em 18/10/1973 em Blumenau.

Roland Otte, nascido em 18/02/1912 em Blumenau. Faleceu em 12/10/1981 em Blumenau. Solteiro.

Melanie Otte, nascida em 20/01/1918 em Blumenau. Casou-se em 21/09/1946 com **Curt Weller**, nascido em 21/06/1921. Tiveram 3 filhos:

Monica Weller, nascida em 23/03/1948 em Blumenau. Casou-se em 27/12/1971 com **Juergen Heinrich Maur**, nascido em 20/01/1942. Tiveram 2 filhos:

Alexander Weller Maar, nascido em 09/06/1980.

Thomas Heinrich Maar, nascido em 13/04/1985.

Julica Weller, nascida em 15/08/1950. Casou-se em 01/07/1972 com **Horst Walter Boeving**, nascido em 30/09/1946. Tiveram 2 filhos:

Mark Boeving, nascido em 29/04/1974.

Anke Boeving, nascida em 18/10/1978.

Rosica Weller, nascida em 14/09/1955. Casou-se em 24/01/1987 com **Paulo Sergio Garcia**, nascido em 24/09/1959.

Emil Wehmuth, casou-se em terceiras núpcias em 02/12/1891 com **Anna Bachmann**, filha de **Georg** e **Therese Bachmann**, nascida em 03/04/1874 na Austria e falecida em 24/02/1965 em Itoupava Seca, Blumenau. Tiveram 6 filhos, todos nascidos na Velha Central, Blumenau:

Anna Wehmuth, nascida em 25/03/1894 e falecida em 31/10/1962. Casou-se com **Carl Schmaida**, nascido em 18/08/1883, e falecido em 20/09/1959 na Velha Central. Tiveram 9 filhos.

Ricardo Wehmuth, nascido em ... 04/11/1895. Faleceu em 10/06/1981 em

Ituporanga. Casou-se com **Ida Schulz**, nascida em 24/11/1894 em Rio do Sul, e falecida em 26/11/1973 em Ituporanga. Tiveram 7 filhos.

Ella Wehmuth, nascida em 04/10/1897. Faleceu em 14/03/1976, em Blumenau. Casou-se com **Hermann Neitzel**, nascido em 11/08/1897 e falecido em 06/04/1947 na Velha, em Blumenau. Tiveram 3 filhos.

Otilia Wehmuth, nascida em 15/08/1902. Faleceu em 08/10/1978 na Itoupava Seca, Blumenau. Casou-se em 18/10/1924 com **Rodolfo Thomsen**, em Blumenau, nascido em 16/04/1901 na Velha Central, em Blumenau. Tiveram 5 filhos.

Hertha Wehmuth, nascida em ... 23/01/1909. Faleceu em 01/09/1981 na Velha em Blumenau. Casou-se em 17/07/1929 com **Rodolfo Schwemmlé**, nascido em 06/09/1907 em Blumenau, falecido em 29/04/1986. Tiveram 5 filhos.

Fritz Wehmuth, nascido em 12/04/1916. Faleceu em 19/02/1919 na Velha Central, Blumenau.

FILHOS DE ANNA WEHMUTH E KARL SCHMAIDA

Nascidos na Velha Central —
Blumenau

Ricardo Schmaida, nascido em ... 03/10/1913. Casou-se em 23/10/1935 em Blumenau com **Hilda Seefeld**, nascida em 03/11/1917 na Velha Central. Tiveram 6 filhos.

Arnoldo Schmaida, nascido em ... 07/01/1915. Faleceu em 1975 na Velha em Blumenau. Casou-se em 17/02/1942 em Blumenau com **Helene Seibt** nascida em 28/09/1922 na Velha Central. Tiveram 1 filha.

Lidy Schmaida, nascida em 23/06/1918. Faleceu em 20/11/1986 em Blumenau. Casou-se em 15/02/1947 em Blumenau com **Carlos Becker**, nascido em 23/07/1925 em Brusque. Tiveram 2 filhos.

Artur Schmaida, nascido em 17/01/1920. Casou-se em 13/06/1942 com **Tusnela Bublitz**, nascida em 13/08/1923 na Velha Central. Tiveram 8 filhos.

Maria Schmaida, nascida em 14/07/1927. Casou-se com **Gerhard Holad**. Mudaram-se para o Paraná. Tive-

ram os filhos **Iolanda, Gerhard, Roberto e Edmundo**.

Eugenio Schmaida, nascido em ... 17/03/1929, solteiro.

Ewaldo Schmaida, nascido em 11/06/1930. Casou-se com **Waltraut Schulz**. Tiveram os filhos **Osnildo, Osilda e Agnes**.

Erwino Schmaida, nascido em ... 16/12/1931, solteiro.

Otilia Schmaida, nascida em 16/12/1933. Casou-se como **Robert Schwemmle**, nascido em 27/10/1930 e falecido em 04/03/1967. Tiveram 5 filhos.

FILHOS DE RICARDO SCHMAIDA E HILDA SEEFELD

Nascidos na Velha — Blumenau

Gertrud Schmaida, nascida em ... 12/01/1936. Casou-se com **Walfried Grube**. Tiveram 2 filhos: **Anita Grube e Walfried Grube**.

Rolando Schmaida, nascido em ... 16/01/1940. Casou-se com **Iracema Bizzeski**. Tiveram 2 filhos:

Laercio Schmaida, falecido.

Tanja Mari Schmaida, nascida em 28/03/1961. Casou-se com **Gerson Zechner**. Tiveram 3 filhos:

Kalinka Cecilia Zechner

Vanessa Waltraud Zechner

Jalita Cristina Zechner.

— **Rolando Schmaida**, casou-se em segundas núpcias com **Matilde Ignazuck**. Tiveram o filho **Anderson Schmaida**.

Irmgard Schmaida, nascida em ... 10/01/1942, solteira.

Reinwaldo Schmaida, nascido em ... 01/08/1944. Casou-se com **Ela Decker**, nascida em 23/07/1944. Tiveram 3 filhas:

Marcia Schmaida, nascida em 28/03/1966 em Blumenau. Casou-se em 06/12/1986 com **Silverio Maçaneiro**, nascido em 12/09/1965.

Soraia Schmaida, nascida em 24/08/1969 em Blumenau.

Christina Schmaida, nascida em 04/01/1978 em Blumenau.

Mario Schmaida, nascido em 04/12/1946. Casou-se com **Ursula Trotska** em Ludwigshafen, Alemanha.

Gerhard Schmaida, nascido em ... 06/11/1949. Casou-se com **Rita Mayer**, nascida em 19/04/1948. Tiveram 2 filhos:

Martim Schmaida, nascido em 10/07/1975 em Blumenau.

Monica Schmaida, nascida em 05/09/1976 em Blumenau.

FILHA DE ARNOLDO SCHMAIDA E HELENE SEIBT

Angela Maria Schmaida, nascida em 17/11/1955 na Velha, em Blumenau, casou-se em 09/01/1971 com **Ivo Bublitz** nascido em 19/04/1949. Tiveram 2 filhas:

Janete Bublitz, nascida em 18/05/1971 em Blumenau.

Joice Bublitz, nascida em 19/03/1974 em Blumenau.

FILHOS DE LIDY SCHMAIDA E CARLOS BECKER

Carlos Waldemar Becker, nascido em 02/04/1948, casou-se com **Hildegard Krüger**, nascida em 20/10/1949 em Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Carlos Manoel Becker, nascido em 20/06/1970 em Blumenau.

Alexandre Ricardo Becker, nascido em 23/02/1977 em Blumenau.

Waltraut Becker, nascida em 13/07/1954, casou-se em 29/03/1980 com **Sergio Merginio da Luz**, nascido em 29/04/1956 em Tijucas. Tiveram 1 filha:

Rafaela Becker da Luz, nascida em 22/09/1984 em Blumenau.

FILHOS DE ARTUR SCHMAIDA E TUSNELDA BUBLITZ

Nascidos na Velha — Blumenau

Asta Schmaida, nascida em 14/02/1914. Casou-se com **José Faqueti**, nascido em 20/08/1937 em Camboriú. Tiveram 5 filhos:

Joaci José Faqueti, nascido em .. 01/04/1963 em Blumenau, solteiro.

Maritza Margarete Faqueti, nascida em 20/05/1968 em Blumenau.

Monica Faqueti, nascida em 01/06/1973 em Blumenau.

Mércia Faqueti, nascida em 12/05/1975 em Blumenau.

Juliano Faqueti, nascido em 14/02/1979 em Blumenau.

Rita Schmaida, nascida em
15/09/1946 em Blumenau, solteira.

Ingeborg Landa Schmaida, nascida
em 21/06/1948, casou-se com **Adolino
Correia**, nascido em 13/01/1943 em Pou-
so Redondo. Tiveram 3 filhos:

Ademir Correia, nascido em
28/06/1969 em Blumenau.

Elisa Correia, nascida em
16/10/1970 em Blumenau.

Elenice Correia, nascida em
18/02/1978 em Blumenau.

Helena Schmaida, nascida em
13/08/1949. Casou-se com **Paulo José
de Matos**, nascido em 14/08/1955 em
Blumenau. Tiveram 3 filhos:

Andreia Cristina de Matos, nascida
em 26/05/1975 em Blumenau, faleceu
em 1976.

Alexandre Paulo de Matos, nascido
em 28/05/1978 em Blumenau.

Jorge Luiz de Matos, nascido em
29/03/1985 em Blumenau.

Ingo Schmaida, nascido em
21/09/1953 em Blumenau. Casou-se com
Salete Nunes, nascida em 30/11/1953
em Dona Emma. Tiveram 5 filhos:

Jonas Otto Schmaida, nascido em
19/07/1974 em Corupá.

Jairo Luciano Schmaida, nascido
em 28/09/1976 em Corupá.

Kathia Raquel Schmaida, nascida
em 03/07/1978 em Timbó.

Giovani Rafael Schmaida, nascido
em 02/10/1979 em Timbó.

Graça Aparecida Schmaida, nascida
em 17/09/1982 em Timbó.

Artur Schmaida Filho, nascido em
24/06/1957, casou-se com **Laura Izaltina
Raulino**, nascida em 27/01/1960. Tive-
ram 2 filhos:

Carlos Eduardo Schmaida, nascido
em 04/05/1980.

Robson Rodrigo Schmaida, nascido
em 25/11/1982.

Wilson Schmaida, nascido em
05/07/1961, casou-se com **Ida**, nascida
em 30/07/1961 em Blumenau. Tiveram
1 filho:

Claudio Schmaida, nascido em
03/03/1982.

Gilson Schmaida, nascido em
10/02/1965. Casou-se com **Maria Goret-
ti Guarnieri**, nascida em 03/10/1954 em
Brusque.

FILHOS DE OTILIA SCHMAIDA E ROBERTO SCHWEMMLE

Norbeto Schwemmle, nascido em
17/10/1957 na Velha, em Blumenau. Ca-

sou-se com **Iracema Mendes**, tiveram 2
filhos: **Chries** e **Elnise**.

Redolfo Schwemmle, nascido em
14/02/1961. Casou-se com **Ida Helena**,
tiveram o filho **Roberto Schwemmle**.

Norma Schwemmle, nascida em ..
06/05/1962. Casou-se com **Domingos
Salvador**. Tiveram a filha **Andreia Sal-
vador**.

Rosani Schwemmle, nascida em ..
06/04/1965. Casou-se com **Euclides Pe-
reira**.

Rosini Schwemmle, nascida em ...
27/04/1967. Casou-se com **Ricardo
Zwicker**. Tiveram a filha **Vania Zwic-
ker**.

FILHOS DE RICARDO WEHMUTH E IDA SCHULZ

Hartwig Wehmuth, nascido em ...
11/03/1919 em Rio do Sul, faleceu em
08/06/1987 em Joinville. Casou-se com
Adelgunde Holler em Rio do Sul. Tive-
ram as filhas **Marlene** e **Siegried**.

Erika Wehmuth, nascida em
04/08/1921 em Rio do Sul, falecida.

Ewald Wehmuth, nascido em
11/09/1923 em Rio do Sul, faleceu em
12/05/1983 em Ituporanga. Casou-se
em 07/04/1945 em Rio do Sul com **Ir-
ma Westphal**, nascida em 27/11/1926
em Ituporanga. Tiveram 5 filhos:

Lauro Wehmuth, nascido em
18/11/1946, casou-se com **Renate Trapp**.
Tiveram 2 filhos:

Claudio Wehmuth, nascido em
06/10/1968 em Rio do Sul.

Sintia Eveli Wehmuth, nascida em
27/12/1974 em Rio do Sul.

— **Lauro Wehmuth** casou-se em se-
gundas núpcias com **Rosa da Silva**. Tive-
ram um filho:

Anderson Alexandre Wehmuth, nas-
cido em 26/03/1981.

Erna Wehmuth, nascida em
23/03/1948. Casou-se com **Arno Paga-
nelli**, nascido em 30/04/1947. Tiveram
2 filhos:

Raquel Paganelli, nascida em
21/11/1975 em Joaçaba.

Christiani Paganelli, nascida em
19/10/1979 em Joaçaba.

Elfi Wehmuth, nascida em
05/03/1951. Casou-se com **Vidal Alves**,
nascido em 26/10/1954 em Gaspar. Tive-
ram 2 filhas:

Leticia Alves, nascida em
28/04/1979 em Blumenau.

Emanuela Alves, nascida em
10/12/1983 em Blumenau.

Edson Wehmuth, nascido em
10/10/1955, casou-se com **Mari Luise Meyer**, nascida em 18/05/1957. Tiveram 2 filhas:

Caroline Wehmuth, nascida em ..
14/05/1979 em Curitiba.

Mariane Wehmuth, nascida em ...
17/07/1984 em Curitiba.

Lisete Wehmuth, nascida em
10/06/1962. Casou-se com **Valdir Steinbach**, nascido em 19/10/1960 em Ituporanga. Tiveram 1 filho:

Valdir Steinbach Júnior, nascido em 26/03/1985 em Ituporanga.

Alfonso Wehmuth, nascido em ...
17/11/1924 em Rio do Sul. Casou-se com **Maria Schwambach**, nascida em 14/09/1924. Tiveram 3 filhos:

Ademar Wehmuth, nascido em ...
14/01/1950 em Rio do Sul. Casou-se com **Elauria Nehring**, nascida em
31/10/1953 em Rio do Sul. Tiveram 3 filhos:

Jaques Wehmuth, nascido em
21/02/1973 em Rio do Sul.

Jansom Wehmuth, nascido em ...
12/01/1978 em Rio do Sul.

Anderson Wehmuth, nascido em
20/04/1981 em Rio do Sul.

Zilda Wehmuth, nascida em
14/11/1953. Casou-se com **Ételvino Francisco Krutsch**, nascido em
29/12/1949. Tiveram 1 filha:

Yama Mora Krutsch, nascida em
18/04/1978.

Lorita Wehmuth, nascida em
14/05/1959. Casou-se com **Antonio Berns Petry**, nascido em 28/02/1959.

Gerda Wehmuth, nascida em
06/05/1926 em Rio do Sul. Casou-se com **Werner Kleine**, nascido em
05/11/1925 em Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Sonia Kleine, nascida em
07/06/1957 em Blumenau.

Silvio Kleine, nascido em
20/07/1958 em Blumenau.

Heinz Wehmuth, nascido em
04/12/1930 em Rio do Sul. Casou-se com **Lisita Peters**, nascida em
28/10/1934 em Blumenau — Velha. Tiveram 3 filhos:

Fridolin Wehmuth, nascido em ..
19/07/1954 em Blumenau. Casou-se com **Ivonie Maria Schmidt**. Tiveram 3 filhos:

Ricardo Wehmuth, nascido em
1979 em Blumenau.

Roberto Wehmuth, nascido em ...
25/09/1982 em Blumenau.

Eduardo Wehmuth, gêmeo de Ro-

berto, nascido em 25/09/1982 em Blumenau.

Astrid Wehmuth, nascida em
28/06/1957 em Blumenau. Casou-se com **Luiz Floriano Lindner** em Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Lara Lindner, nascida em
18/02/1979 em Blumenau.

Douglas Lindner, nascido em
09/02/1982 em Blumenau.

Eliane Wehmuth, nascida em
06/08/1964 em Blumenau. Casou-se com **Ademir Belinski**, nascido em Rio do Sul. Tiveram 1 filho:

Adriano Belinski, nascido em
30/01/1987.

Waldemar Wehmuth, nascido em
04/03/1938 em Rio do Sul. Casou-se com **Gerda Kindlein**, nascida em
16/01/1935. Tiveram 4 filhos:

Nivaldo Wehmuth, nascido em ...
17/02/1963 em Joinville. Casou-se com **Marly Lima**, nascida em 21/01/1963. Tiveram 1 filho:

Tiago Wehmuth, nascido em
29/05/1986.

Waldemiro Wehmuth, nascido em
24/03/1964 em Joinville. Casou-se com **Maria Costa**, nascida em 07/10/1960. Tiveram 1 filho:

Ricardo Wehmuth, nascido em
02/11/1984.

Irentraut Wehmuth, nascida em
18/03/1935 em Joinville. Casou-se com **José Carlos Nascimento**, nascido em 26/01/1960.

Waldecir Wehmuth, nascido em ..
05/01/1971. Casou-se com **Marly Curt**, nascida em 09/04/1970.

FILHOS DE ELLA WEHMUTH E HERMANN NEITZEL

Herbert Neitzel, nascido em
14/03/1925 em Blumenau. Casou-se em 24/02/1951 com **Ella Schulz**, nascida em 28/09/1922 em Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Sidney Neitzel, nascido em
06/04/1952 em Blumenau, solteiro.

Volney Douglas Neitzel, nascido em 22/04/1955 em Blumenau. Casou-se em 21/05/1983 com **Rosana Schulze**, nascida em 14/01/1952 em Blumenau.

Cytonia Neitzel, nascida em
21/07/1927 em Blumenau. Casou-se com **Edgar Ruediger**, nascido em
30/10/1924 em Blumenau e falecido em 02/01/1986 em Blumenau. Tiveram 4 filhos:

Osmar Ruediger, nascido em
21/08/1947 em Blumenau. Casou-se em
19/09/1986 com **Kathia Regina Bres-
san**, nascida em 17/10/1961.

Rosita Ruediger, nascida em
27/07/1949 em Blumenau, solteira.

Roberto Edgar Ruediger, nascido
07/03/1965 em Blumenau.

Margareth Ruediger, nascida em
28/04/1967 em Blumenau.

Bertam Neitzel, nascido em
13/04/1929 em Blumenau. Casou-se em
31/10/1957 com **Irena Tarnowsky**, nas-
cida em 09/06/1930 em Blumenau. Ti-
veram 3 filhos:

Geovani Volkmar Neitzel, nascido
em 15/10/1958 em Blumenau.

Magali Neitzel, nascida em
05/08/1962 em Blumenau.

Evelise Neitzel, nascida em
06/12/1963 em Blumenau.

FILHOS DE OTTILIA WEHMUTH E RODOLFO THOMSEN

Erna Thomsen, nascida em
17/12/1925 na Velha Central, Blume-
nau. Casou-se em 05/10/1945 com **Mar-
tin Karsten**, nascido em 07/06/1924 em
Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Marlies Maike Karsten, nascida em
22/05/1956 em Blumenau. Casou-se em
14/03/1980 com **Jorge Alberto Müller**,
nascido em 10/01/1956 em Joinville. Ti-
veram 2 filhas:

Juliana Luisa Müller, nascida em
27/08/1983 em Blumenau.

Isabel Cristina Müller, nascida em
12/07/1985 em Blumenau.

Fred Rubens Karsten, nascido em
19/10/1960 em Blumenau, solteiro.

Irene Thomsen, nascida em
21/12/1928 na Velha Central, Blumenau,
solteira.

Edgar Thomsen, nascido em
25/05/1931 na Velha Central, Blume-
nau. Casou-se em 29/12/1951 com **Ade-
laide Goebel**, nascida em 04/12/1930
em Presidente Getúlio. Tiveram 2 fi-
lhos:

Dieter Thomsen, nascido em
11/02/1953 em Blumenau. Casou-se em
01/03/1975 com **Marion Scheidemantel**,
nascida em 01/05/1952 em Blumenau.
Tiveram 3 filhos:

Dieter Thomsen Filho, nascido em
25/09/1976 em Campinas (SP).

Patrik Thomsen, nascido em
29/12/1979 em Blumenau.

Erik Thomsen, nascido em
24/07/1984 em Campinas (SP).

Dietmar Thomsen, nascido em ...
11/06/1959 em Blumenau. Casou-se
com **Rosana Helena Beucke**, nascida
em 24/03/1966 em Blumenau. Tiveram
2 filhos:

Diego Thomsen, nascido em
23/02/1984 em Blumenau.

Camila Thomsen, nascida em
14/07/1986 em Blumenau.

Asta Thomsen, nascida em
07/03/1934 em Blumenau. Casou-se em
1957 com **Egon Georg** em Blumenau.
Tiveram 1 filho:

Klaus Georg, nascido em
09/07/1930 em Blumenau.

Otmar Thomsen, nascido em
23/10/1938 em Blumenau. Casou-se em
10/09/1960 com **Dalila Adelina Zas-
trow**, nascida em 07/11/1941 em Pome-
rode. Tiveram 2 filhos:

Sergio Roberto Thomsen, nascido
em 05/04/1967 em Blumenau.

Jean Carlo Thomsen, nascido em
09/01/1973 em Blumenau.

FILHOS DE HERTHA WEHMUTH E RUDOLFO SCHWEMMLE

Elvira Schwemmle, nascida em ...
08/02/1930 em Blumenau. Casou-se em
12/11/1949 com **Raul Knoch**, nascido
em 07/03/1928. Tiveram 1 filha:

Aloma Celita Knoch, nascida em
24/05/1952 em Blumenau. Casou-se em
20/09/1969 com **Waldir Stahnke**. Tive-
ram 1 filho:

André Luiz Stahnke, nascido em
16/09/1979 em Blumenau.

Hubert Schwemmle, nascido em ..
01/09/1931 em Blumenau. Casou-se em
23/11/1953 com **Ingeborg Lindemann**,
nascida em 19/03/1932 em Blumenau.
Tiveram 4 filhos:

Liane Schwemmle, nascida em
13/05/1954 em Blumenau. Casou-se em
09/12/1982 com **Jorge Kienold**, em Blu-
menau. Tiveram 2 filhos:

Rodrigo Kienold, nascido em
24/06/1983 em Blumenau.

Rafael Kienold, nascido em
12/05/1985 em Blumenau.

Sueli Schwemmle, nascida em
15/10/1957 em Blumenau, solteira.

Osmar Schwemmle, nascido em ..
13/09/1961 em Blumenau, solteiro.

Osni Schwemmle, nascido em
27/04/1967 em Blumenau, solteiro.

Zeno Schwemmle, nascido em
28/06/1933 em Blumenau. Casou-se
com **Wally Manderle**, nascida em

16/07/1931 em Curitiba. Tiveram 2 filhos:

Ildeci Schwemmle, nascido em ... 27/10/1956 em Curitiba, solteiro.

Idemar Schwemmle, nascido em ... 21/06/1962 em Curitiba, solteiro.

Sibilla Schwemmle, nascida em ... 17/09/1937 em Blumenau. Casou-se em 05/09/1959 em Blumenau com **Romeu Deschamps**, nascido em 09/09/1937 em Blumenau. Tiveram 2 filhos:

Roberto Deschamps, nascido em ... 23/06/1960 em Blumenau. Casou-se em 04/06/1983 com **Dolores Maria Dalmónico** em Itajaí. Tiveram 1 filho:

Thiago Deschamps, nascido em ... 13/08/1985 em Camboriú.

Silvia Deschamps, nascida em ... 03/05/1962 em Blumenau.

Kresta Schwemmle, (gêmea de Sibilla) nascida em 17/09/1937 em Blumenau. Faleceu em 25/01/1949 na Velha, em Blumenau.

Aconteceu...

Outubro de 1988

— DIA 1.º — Com a presença de numeroso público, o prefeito Dalto dos Reis presidiu a inauguração solene do Centro Social do bairro Boa Vista, à rua Henrique Watson s/n, levando assim amplos benefícios na assistência social e de saúde à população daquele bairro.

* *

— DIA 1.º — Às 17 horas, foi inaugurado solenemente o Centro Social da rua Volles, no bairro de Itoupava Central, cujo ato foi presidido pelo prefeito Dalto dos Reis.

* *

— DIA 3 — Foi solenemente aberto o evento “Registro da Memória Paulistana”, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura daquela capital. O ato aconteceu no auditório da Biblioteca “Mário de Andrade”. Agradecemos o convite.

* *

— DIA 5 — Na Biblioteca Central “Prof. Martinho Cardoso da Veiga”, na FURB, realizou-se a solenidade do lançamento dos livros: “Controle de Produção Unificado e o Computador” — renovação: “A Juventude no Poder” — ensaios de engenharia política — todos de autoria do prof. Dr. Franz Allora.

* *

— DIA 5 — Para abrilhantar as festividades da Oktoberfest, chegou a Blumenau o conjunto musical “Musikverein”, da cidade de Donaueschingen, Alemanha.

* *

— DIA 6 — Promovida pela Divisão de Promoções Culturais da FURB, realizou-se a solenidade, no Saguão daquela Universidade, da abertura da exposição de colagens de Ana Maria Prince Comodo, que contou com numerosa presença.

* *

— DIA 7 — Nos pavilhões da PRCEB, realizou-se o ato de abertura da V Oktoberfest, às 19:30 horas. O acontecimento contou com

a presença de numeroso público e foi presidido pelo prefeito Dalto dos Reis. O ato oficial deu-se no Pavilhão "D".

* *

— DIA 8 — Integrantes do Partido Verde, Associação Catarinense de Preservação da Natureza e outras entidades da defesa da ecologia, promoveram uma manifestação defronte a escadaria da Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo, em defesa da inclusão de leis "anti-nucleares" na nova Constituição. A mobilização promoveu ainda uma passeata pela rua 15 de Novembro, com grande número de adesões do público.

* *

— DIA 11 — A partir das 19 horas, na FURB, realizaram-se palestras promovidas pela Associação Catarinense de Preservação da Natureza, a Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência, juntamente com a Associação dos Engenheiros e Arquitetos do Médio Vale do Itajaí e que incluiu no programa ainda o lançamento do livro "Gente da Terra Catarinense — Desenvolvimento e Educação Ambiental, de autoria do geógrafo Paulo Fernando Lago .

* *

— DIA 12 — Em Videira, a capital catarinense do vinho, iniciou-se uma vasta programação, visando mobilizar toda a população. Teve início uma série de Passeios de "Maria Fumaça", através da ferrovia que corta aquela cidade, sendo que neste dia, a viagem se destinava a alunos até a 6.^a série. Às 15 horas realizou-se um Show Artístico no largo da Ferrovia.

* *

— DIA 15 — Realizou-se em Videira, a II FECAVI — Festival da Canção de Videira, às 20 horas, no Ginásio Municipal de Esportes.

* *

— DIA 13 — Realizou-se, às 19 horas, presidida pelo prefeito Dalto dos Reis, a solenidade de inauguração de duas salas de aula, gabinete odontológico e laboratório de ciências da Escola Básica Municipal "Vidal Ramos", no bairro Vorstadt.

* *

— DIA 14 — Violenta chuva de granizo com duração de apenas alguns minutos, com ventos de até 100 km, assolou vários municípios do Alto Vale do Itajaí, entre eles Dona Emma, Salete e Witmarsum, causando grandes estragos não só nas lavouras como também destruindo coberturas das casas em número elevadíssimo.

* *

— DIA 15 — Tiveram início as disputas dos Jogos Abertos de Santa Catarina, edição 1988, com grande movimentação e a quebra de vários records. O local das disputas foi a cidade de Joaçaba.

* *

— DIA 16 — Às 16 horas, o prefeito Dalto dos Reis presidiu o

ato de inauguração do novo prédio da Escola Reunida Municipal "Visconde de Taunay", localizado no bairro de Itoupava Central.

* *

— DIA 16 — Às 14:30 horas — Foi inaugurado, pelo prefeito Dalto dos Reis, em solenidade que contou com a presença de numeroso público, o Complexo Esportivo da E.B. Municipal "Lauro Mueller", no Bairro Badenfurt, presidindo também a abertura da Primeira Olimpíada Interna da referida Escola.

* *

— DIA 22 — Em Videira, foi realizada ampla solenidade que marcou a inauguração do Museu do Vinho, cujo ato ocorreu às 18:00 horas. Às 21:30 horas, a sociedade videirense reuniu-se no Clube Vitória, para festejar o acontecimento, participando do Baile do Vinho e do Chester, sob a animação musical da orquestra "Chester Show", pertencente ao grupo Perdígão.

* *

— DIA 22 — Pela 21.^a vez consecutiva Blumenau levantou o título de campeã dos Jogos Abertos de Santa Catarina, na competição realizada na cidade de Joaçaba. Nesta 28.^a competição catarinense, as equipes blumenauenses conquistaram 193 pontos, contra 174 pontos de Florianópolis, vice-campeã, conquistando ainda nove troféus. — (JSC 23/10) \

* *

— DIA 22 — Às 15 horas, foi inaugurado o prédio do Centro Social Municipal da rua Rui Barbosa, cuja solenidade foi presidida pelo prefeito Dalto dos Reis. O novo centro situa-se no Bairro Garcia, à rua Rui Barbosa.

* *

— DIA 22 — Às 17 horas, novo Centro Social foi inaugurado pelo prefeito Dalto dos Reis, desta feita junto à Escola Básica Municipal "Alberto Stein", no bairro da Velha.

* *

— DIA 23 — Com a presença de numeroso público que se contava aos milhares, a exemplo do que vinha acontecendo desde o início, foi encerrada a Oktoberfest edição 1988, cujo sucesso foi total e contou com a presença, inclusive de milhares de turistas brasileiros e de outros países.

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

Jubileu (50 anos) de sacerdócio

Com muita alegria registramos, hoje, o importante acontecimento verificado na comunidade católica universal, quando nada menos do que 14 (quatorze) sacerdotes da o.f.m., estiveram reunidos, no dia 27 do corrente, na cidade de Rondinha, no Paraná, para celebrar Missa em Ação de Graças, pelo transcurso de seus 50 anos de ação dedicada inteiramente à vida sacerdotal.

Essa alegria é acrescida ainda de emoção em podermos registrar, entre os jubilandos, a venerada figura de FREI BRÁS REUTER o.f.m., sacerdote que deixou marca indelével de sua passagem por Blumenau, como paladino inconfundível de uma das obras mais importantes para a comunidade blumenauense, que foi a construção da suntuosa Igreja de São Paulo Apóstolo. Frei Brás Reuter tornou-se, assim, merecedor da eterna gratidão dos blumenauenses — gerações presentes e do futuro, pela obra que realizou, por ter sabido reunir sob a sua liderança todo o povo de Blumenau, mesmo que pertencendo muitos a credos diferentes.

Os quatorze sacerdotes jubilandos são os seguintes: Freis — Alipio Both, Alvaro Machado da Silva, Atico F. Eyng, Beraldo Fledermann, Bertino Hintermann, Brás Reuter, Columbiano Gilbert, Cuniberto Hoering, Deodoro Kaufhold, Didimo Strunck, Hildebrando Hafkemeyer, João Crisóstomo Arns, Joaquim Orth e Querubim Engel.

PADRE FIDELIS TOMELIN

Já no dia 4 de dezembro, mais um jubileu sacerdotal será comemorado na cidade de São Bento do Sul, quando receberá as homenagens a que faz jus, o venerando e estimado sacerdote Pe. Fidelis Tomelin, que estará assim completando seus 50 anos de constante atividade sacerdotal, tornando-se, ao longo destes anos, figura das mais estimadas e admiradas por todas as comunidades por que passou durante sua longa vida religiosa.

Muito importante, ainda, é podermos registrar que Padre Fidelis é irmão de nosso companheiro de trabalho Bernardo Tomelin, chefe do setor gráfico desta Fundação e também do prezado amigo Honorato Tomelin, que, há cerca de nove anos, praticamente doou todo o parque gráfico que hoje possui esta instituição e do qual tem despendido a regularidade das edições desta revista e muitos livros aqui impressos.

Por tudo isso, cumprimentando Bernardo e Honorato Tomelin, o fazemos através deles também ao seu irmão sacerdote Fidelis Tomelin, almejando-lhe ainda muitos anos de benéficos serviços à sua comunidade.

Frederico v. Ockel denuncia atos de corrupção de
comissão constituída
no ano de 1883 - Já naqueles tempos...

Artigo publicado pelo Blumenauer Zeitung — ano 3.º — n.º 23
sábado, 2 de junho de 1883:

“A presença da comissão que no ano de 1881 até 82 esteve presente para fazer um levantamento da destruição das pontes causada pela enchente, causa desagradado. Esta comissão foi várias vezes criticada pelo abaixo assinado senhor Friedrich v. Ockel. Principalmente à direção da comissão era dirigida a critica, por construir as pontes destruídas com desleixo e que logo com uma chuva mais forte novamente caíam. O mesmo senhor empregou por diversas vezes o termo “ignorantes” e também porque de acordo com suas simpatias políticas, o chefe da comissão aprovava ou indeferia o trabalho dos empreiteiros. De uma verdadeira fiscalização por parte do bacharel J. R. Antunes não podemos nem falar, pois o mesmo era incapaz de desenvolver qualquer projeto por si mesmo. Talvez os mesmos projetos do comissário vinham a favor de seu protetor e senhor C. W. Friedenreich no qual se despertou o desejo de fundar um jornal, no qual naturalmente muitos defeitos podiam ser defendidos. Para analisar os seguintes:

1) Que várias turmas pertencentes a empreiteiros que estavam a serviço da comissão constavam na lista, mas nunca compareciam ao trabalho.

2) Que aos operários que já há 6 ou 9 meses não recebiam ainda era descontado o 14.º dia de trabalho.

3) Que trabalhadores que exigiam seu pagamento eram presos por meses como agitadores.

4) Que estes presos foram soltos pelo tribunal de justiça de Itajaí, que constatou que estas pessoas, sob falsas provas, ficaram todo este tempo sem receber um centavo.

Assim podem avaliar os leitores se a acima citada comissão com seu chefe Antunes tinha mais roubalheira em vista do que trabalho.

Mas o bacharel J. R. Antunes é justamente aquele que se aproveitou de seus subalternos para explorá-los e obter o capital necessário para a fundação do “Immigrant” no qual o senhor C. W. Friedenreich esforçou-se a colocar o espírito e sentimento de honra e moralidade dos colonos em pilares tão fracos como o bacharel Antunes nas suas construções.

ass: Friedrich v. Ockel”

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

As lutas políticas em Blumenau no século passado

Diversas notas publicadas pelo "Blumenauer Zeitung"
Orientação do eleitorado — A escolha do melhor candidato
para a Comunidade

"Blumenauer Zeitung — Ano 5 — n.º 36 — sábado, 05 de setembro de 1885.

"Inland (notícias internas). Comunica que o partido liberal caiu e provocou um enorme nervosismo entre seus partidários em Desterro. O Jornal "Regeneração" blasfemou em toda escala musical, chegou mesmo a dizer: — O Partido Conservativo assume um governo de antemão condenado pela opinião pública e clama para que todos se unam para construir uma América Unida e evitar assim um possível "banho de sangue". Perguntamos agora por que o partido Liberal permitiu que a situação chegasse ao extremo. Enfim durante o regime liberal as cenas escandalosas se repetiam constantemente e o "Regeneração" faria bem de varrer primeiro diante de sua própria porta.

Blumenauer Zeitung — ano 5.º — n.º 41 — sábado, 10 de outubro de 1885.

Lokalnachrichten (notícias locais). Como ouvimos, o senhor Elesbão Pinto da Luz foi designado pelo partido Liberal como candidato à Assembléia Provincial. Não desmerecendo as boas qualidades deste senhor, acreditamos no entanto que sua candidatura não é nada mais que um jogo para apenas prejudicar o candidato alemão, e, certamente, pretendiam dispersar a união dos eleitores e também em último momento encaixar o nome do senhor Wilhelm Krüger como candidato, porque o senhor Pinto da Luz não somente perderia por longo tempo seu cargo de escrivão como seu cargo como professor correria riscos.

Queremos chamar a atenção dos eleitores para que não se deixem levar pela conversa, e sim de mãos dadas como cidadãos conscientes votar no senhor Guilherme Asseburg. Lembrem-se todos que a eleição para deputado provincial é de suma importância. Precisamos ter um representante na Câmara que esteja a par dos problemas de nosso município e que possa lutar pelos interesses e necessidades de nossa comunidade. Tínhamos esperança de colocar dois representantes: os senhores Asseburg e Sachtleben, porém o último infelizmente não pode aceitar o cargo. Portanto temos que contar com um candidato alemão. Porém senhor Asseburg depois de 22 anos aqui residente, está bem a par do que nos falta aqui na Colônia."

Blumenauer Zeitung — ano 5.º — n.º 42 — sábado, 17 de outubro de 1885.

“Zur Provinzialwahl” — (Para a eleição provincial).

Pelo último número do “Immigrant” tomamos conhecimento da lacônica comunicação que os senhores Elesbão Pinto da Luz (Tabelião do Município) e senhor Guilherme Asseburg são candidatos à Assembléia Provincial. O primeiro candidato pelo partido Liberal e o segundo pelo partido Conservador. O jornal apenas juntou o comentário, esperamos que ambos saiam vitoriosos na eleição.

Nada temos pessoalmente contra a pessoa do senhor Elesbão Pinto da Luz, mas somos da opinião que uma longa experiência comercial do senhor Asseburg, frente a uma experiência de apenas 2 anos do senhor E. P. da Luz, preferimos o primeiro, também porque sabemos que este último coloca sua candidatura sob o ponto de vista partidário e a tradição. Como sentimos muito a interferência deste partido em todos os campos do município, achamos que é de interesse geral escolhermos um candidato que esteja interessado no progresso de nosso município.”

Blumenauer Zeitung — ano 5.º — n.º 43 — sábado, 24 de outubro de 1885.

“Zur Provinzialwahl” (Para a eleição Provincial)

Diante da nova eleição provincial, trata-se principalmente de preservar os interesses dos municípios de Blumenau, Itajaí e Brusque, em cujos distritos há mais de 30 anos vivem cerca de 18000 imigrantes de nacionalidade alemã e aqui encontraram nova pátria.

Não seria obrigação agora dos eleitores escolher para representar seus interesses numa pessoa de seu próprio meio?

Não queremos ser um Estado no Estado, nossos filhos são brasileiros, e também nós somos cidadãos brasileiros que com capricho e perseverança trabalhamos no desenvolvimento de nossa nova pátria. Mas ninguém pode exigir de nós que reneguemos a simpatia por nossa velha pátria e nossos compatriotas.

Será que nós somos obrigados a cooperar para o triste quadro do desmembramento dos alemães no estrangeiro, o rápido esquecimento de sua descendência? Lembrar tudo isso, seria vergonhoso!

Nossa Colônia goza de uma boa reputação no solo pátrio. Nosso viver, nosso trabalho já através da imprensa se tornou conhecido além-mar. Que quadro de pobreza apresentariamos a nós mesmos se entre os 18000 alemães não somos capazes de eleger um alemão que represente os interesses dos cidadãos? Ao contrário correríamos o risco de nos ridicularizar.

Por esta razão, caros eleitores, deixem de lado opiniões particulares ou partidárias, desavença e mal entendidos, procurem alcançar respeito de todos por uma atitude unânime, porque nenhum de vocês pode, ao analisar conscienciosamente, duvidar de que o candi-

dato Guilherme Asseburg é a pessoa indicada para representar nossos interesses mútuos.

ass: Vários eleitores de descendência alemã."

(No mesmo jornal e nesmo número)

"Não é só uma obrigação moral, mas também uma obrigação patriótica de todos eleitores alemães, apoiar o candidato Asseburg. Seria vergonhoso que nosso candidato não vencesse as eleições. O próprio Elesbão Pinto da Luz não acredita em sua vitória. Ele apenas aceitou sua candidatura para servir seu partido e desagregar o eleitorado para prejudicar nosso candidato. Portanto, eleitor alemão, sua divisa é "eleger Guilherme Asseburg".

ass: Um eleitor alemão."

(Tradução: Edith Sophia Eimer)

Dois novos conselheiros integram o Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau"

Por Decreto do Prefeito Dalto dos Reis, foram nomeados, para substituírem respectivamente os srs. Dr. Afonso Rabe e Frederico Bial, os srs. Arthur Fouquet Sênior e Willy Sievert. Eis o texto do decreto:

DECRETO N.º 3.178

Nomeia membros do Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau".

DALTO DOS REIS, Prefeito Municipal de Blumenau, no uso de suas atribuições legais e de acordo com o disposto no art. 7.º, §§ 1.º e 2.º, da Lei n.º 1.835, de 7 de abril de 1972, alterado pela Lei n.º 2.223, de 16 de março de 1977, combinado com o art. 14, §§ 1.º a 5.º, do Estatuto da Fundação "Casa Dr. Blumenau", aprovado pelo Decreto n.º 221, de 20 de junho de 1977, resolve:

NOMEAR

Os Senhores ARTHUR FOUQUET SENIOR e WILLY SIEVERT, para preencherem as vagas existentes no Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", a partir de 1.º de setembro de 1988.

Prefeitura Municipal de Blumenau, em 07 de outubro de 1988.

DALTO DOS REIS
Prefeito Municipal

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

Banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

A presença de Teixeira de Freitas em Santa Catarina

Antônio Roberto Nascimento

Ainda que circunstancial e indireta, é de ser assinalada a presença do Dr. Augusto Teixeira de Freitas em Santa Catarina. Não de sua presença física, que efetivamente pode ter ocorrido, quando do obscuro episódio de sua viagem ao Rio da Prata; mas de uma presença indireta, mediata, por via de seus descendentes.

Assim é que seu genro, o Dr. Tertuliano Teixeira de Freitas, é dado como Juiz Municipal (2.º Suplente) de São Francisco do Sul, no ano de 1861 (João Alfredo Medeiros Vieira, *Notas para a História do Poder Judiciário em Santa Catarina*, 1981, p. 99). É crível, porém, que sua permanência aqui tenha se estendido até fins de 1862, pois, aos 17 de agosto de 1862, batizara em São Francisco do Sul, seu filho Afonso, de dezessete dias de idade (fls. 24, livro de batizados n.º 14, da Matriz de N. S.ª da Graça do Rio de São Francisco Xavier do Sul). Seus pais, o Dr. Tertuliano Teixeira de Freitas e D. Helena Augusta Teixeira de Lima, são dados como "residentes na Corte do Rio de Janeiro", o que bem demonstra a transitoriedade de seu domicílio em Santa Catarina. Depois disso, vamos encontrá-los residindo na Província do Paraná, onde o Dr. Tertuliano Teixeira de Freitas foi Chefe de Polícia, "ainda nos tempos da monarquia", chegando a governar o Estado vizinho em 1894, por exíguo prazo (David Carneiro, *Galeria de Ontem e de Hoje*, 1963, p. 457).

De se assinalar, porém, que o Dr. Tertuliano não era apenas genro do Dr. Augusto Teixeira de Freitas, senão também seu primo (Silvio Meira, *Teixeira de Freitas, O Jurisconsulto do Império*, 2.ª ed., 1983, p. 18), o que bem demonstra a importância dessa presença intelectual em Santa Catarina, ainda que indiretamente. E, para exata compreensão do que afirmamos, é conveniente que se trace alguns dados biográficos do jurista emérito.

O Dr. Augusto Teixeira de Freitas nasceu na Vila de N. S.ª do Rosário da Vila de Cachoeira, Província da Bahia, aos 19 de agosto de 1816, sendo filho do Capitão Antônio Teixeira de Freitas Barbosa e de sua mulher Felicidade de Santa Rosa de Lima Teixeira, os Barões de Itaparica. Sua mãe nascera em São Gonçalo de Campos, sendo filha de Antônio Manoel da Mota e de D. Margarida de Santa Rosa de Lima. Casou-se, aos 09 de maio de 1836, (Silvio Meira, *ob. cit.*, p. 37), com sua prima D. Matilde Teixeira de Lima, filha do Capitão Manoel Teixeira de Freitas e de Vicência de Santa Rosa de Lima, neta paterna, portanto, dos referidos Barões de Itaparica e irmã, outrossim, do Dr. Tertuliano Teixeira de Freitas, por seu turno, casado com a filha do Dr. Augusto Teixeira de Freitas.

Assim, é fácil perceber que o Dr. Tertuliano Teixeira de Freitas, com efetivos serviços prestados em Santa Catarina, era tam-

bém um herdeiro cultural das idéias daquele que foi o juriscôn- sulto do império e um dos maiores gênios que o Brasil já teve. Ao cabo de contas, ter um sogro e primo que era o maior juriscôn- sulto daqueles tempos era garantia de solução para todas as dú- vidas de um jurista.

Vejamos, porém, os passos do Dr. Afonso Augusto Teixeira de Freitas, o ilustre descendente que nasceu em São Francisco do Sul.

David Carneiro, em carta re- produzida por Sílvio Meira (ob. cit., p. 367), informa:

“Ao Dr. Teixeira de Freitas Curitiba deve alguma coisa (se não dele à nossa cidade) para a qual ele e seus descen- dentes continuaram e conti- nuam contribuindo em traba- lho e cultura, sobretudo o Dr. Tertuliano T. de Freitas, seu sobrinho e genro, e seu neto A. A. T. de Freitas, professor emérito da Faculda- de de Engenharia da Univer- sidade do Paraná, como seu genitor o foi, de Geometria, do curso secundário, ao final do século XIX.”

Parece-nos evidente que o ci- tado A. A. T. de Freitas não é outro senão o francisqueense Afonso Augusto Teixeira de Frei- tas, pois, em Curitiba também, nascera-lhe os filhos Antônio Pau- lino Teixeira de Freitas, médico e tenente-coronel (David Carneiro, Galeria de Ontem e Hoje cit., p. 637), e Waldemiro Augusto Tei- xeira de Freitas, professor eméri- to do Paraná (“idem, ibidem”,

mas dado como nascido em Ala- goinhas, Bahia). O francisqueense Afonso Augusto Teixeira de Frei- tas foi casado com Maria José Tei- xeira de Freitas, de cujo consór- cio houve também a filha Caroli- na Augusta Teixeira de Freitas, casada com o General Catulo Piá de Andrade (Sílvio Meira, ob. cit., ilustração n. 107).

Por isso, registramos a pre- sença desses Teixeira de Freitas em Santa Catarina, embora não lhe conheçamos o trabalho.

O Dr. Antônio Paulino Tei- xeira de Freitas, acima referido, casou-se com D. Célia Linhares Teixeira de Freitas, deixando sete filhos em Curitiba: Vera, Ma- ria, Sérgio Augusto, Antônio Os- valdo, Luís Renato, Maria Isabel, Carlos Afonso e José Carlos (ob. cit., p. 637).

O Prof. Waldemiro Augusto Teixeira de Freitas, de seu turno, casou-se com D. Iracema Muniz Teixeira de Freitas, deixando grande descendência também: Afonso (falecido), Armando, Wal- demiro, Maria Elsa (falecida), Maria de Lourdes, Margarida, Ma- ria, Maria Clara, Geraldo Muniz, Paulo Muniz, José Joaquim, Ar- mando Muniz e Waldemiro Muniz (David Carneiro, ob. cit., p. 637).

Nada se sabe acerca de even- tual passagem do juriscôn- sulto do Império por Santa Catarina, quando de sua viagem ainda não bem esclarecida em direção ao Prata. Tem-se no entanto, a re- gistrar a presença de seus descen- dentes em Santa Catarina, a qual, se não foi motivo bastante para fixação de domicílio, denota, pelo menos, a prestação de relevantes serviços naqueles difíceis tempos de nossa formação cultural.

DOIS PONTOS PITORESCOS

Max Meinecke, natural de Indaial, publicou no "Calendário Para os Alemães no Brasil", em 1915, à página 209, os dois contos a seguir:

"O primeiro trabalho samaritano"

Na pequena cidade de R. formou-se uma sociedade samaritana, que tinha como objetivo prestar os primeiros socorros em caso de acidente quando não havia assistência médica. Os associados que antes faziam um teste e quando aprovados recebiam uma cruz vermelha que deveria ser afixada na porta da casa para serem identificados. Como a sociedade era muito forte e acidentes poucos, o serviço era pouco procurado. O colega Emil estava sendo invejado porque no último baile de máscaras teve o privilégio de dar a uma senhora algumas gotas contra dor de cabeça.

Samaritano Paul estava perguntando naquele momento uma sola de sapato, quando a porta se abriu e o aprendiz do padeiro, que morava em frente à sua casa, entrou correndo. Assustado pediu a Paul que fosse correndo ver seu mestre que se acidentara. Imediatamente trocou as chinelas por sapatos, vestiu o paletó, apanhou a bolsa de emergência e saiu atrás do rapaz.

O assim preparado, vaidoso samaritano entrou na casa do padeiro. Logo porém, voltou cabibaixo e dirigiu-se à sua casa, tirou o paletó, colocou a bolsa em seu lugar de costume e calçou as

botas. A esposa surpresa perguntou o que tinha acontecido de tão trágico e Paul respondeu em voz baixa: — o porco do padeiro caiu na fossa sanitária."

"O apresentador de ursos"

O assistente de pedreiro Erwin B. era um rapaz sempre disposto para qualquer arte, em especial na Sociedade Fidelistas, da qual era sócio. Devido a sua queda em preparar sempre uma das suas, já não era muito apreciado pelos associados, que cuidavam muito do comportamento e moral de seus sócios. Já tinham até cogitado riscá-lo do quadro e a diretoria pretendia resolver esta questão na próxima reunião, após o baile de máscaras. Erwin que soubera da decisão da diretoria, pensou: — se eu sou considerado arteiro e mau elemento então também quero deixar um motivo válido.

Na noite do baile, Erwin dirigiu-se à hospedaria local, procurou um operário e prometeu uns trocados, caso o mesmo concordasse numa brincadeira. O operário concordou e Erwin levou-o por vários caminhos até seu alojamento. Chegando lá, Erwin esclareceu ao operário que pretendia no baile representar um apresentador de urso e para que tudo ficasse em segredo, não queria que nenhum de seus amigos soubessem quem representaria o urso.

O pobre operário, provavelmente, seduzido pelo dinheiro que lhe fora prometido, aceitou. Foi então que Erwin lembrou-se que o mesmo devia estar com fome e ofereceu um jantar. Erwin serviu — a bem preparada comida com

farta bebida e tudo mais. O operário não se fez de rogado. Uma vez terminado Erwin convidou-o a vestir a pele de urso que estava preparada, mais uma boa corrente prendia o "urso" e assim partiram rumo ao salão. Com um tambor na mão e mais o urso, Erwin apareceu no salão. Depois de algumas voltas, Erwin passou a corrente em volta de um poste e engatou-a, dizendo que voltaria logo.

O urso, depois de assistir por alguns momentos o movimento do salão, sentiu os efeitos da boa

comida que recebera de Erwin, pois seu estômago não estava acostumado a tal alimentação. Sua situação piorava de momento a momento e Erwin não voltava, por fim dirigiu-se a uma pessoa, implorando para que este o libertasse do poste. De nada adiantou e o dono do salão teve que mandar serrar a corrente que o prendia. O coitado desconhecido foi libertado e Erwin, na próxima reunião, foi excluído em definitivo do quadro de sócios."

(Tradução: Edith Sophia Eimer)

Noite de autógrafos marcou mais uma promoção cultural na Fundação "Casa Dr. Blumenau"

Dia 23 de novembro, realizou-se, na sala especial da Biblioteca "Dr. Fritz Müller", a solenidade de abertura da exposição de pintura da blumenauense Helena Buzzi.

Com esta primeira individual de pinturas Helena W. Buzzi (com residência fixa em Itajuba) inscreveu-se oficialmente no círculo dos artistas plásticos catarinenses.

Cerca de quarenta óleos sobre tela, de pequena e média dimensão, formaram o acervo exposto na Sala de Exposições da Biblioteca.

Flores, paisagens, retratos e marinhas compõem o lote de trabalhos identificados todos com as correntes e tradições estéticas da pintura acadêmica. No acervo todo, apenas algumas pinturas recentes afastam-se do modelo clássico. "Antúrio Espírito Santo" (I e II), aproximam-se das matrizes impressionistas da pintura, resultando numa técnica e linguagem mais despojadas, modulando-se mais às expressões artísticas contemporâneas.

Outra peça que merece atenção especial é "Contrição". O clima altamente comovedor e elegíaco criado pela artista provoca total empatia entre autor/expectador.

A exposição, que foi bastante visitada, permaneceu aberta ao público até a primeira semana de dezembro.

Vilson Nascimento

Conselho Curador reuniu-se e deu posse a dois novos conselheiros

Cumprindo o que determinam os Estatutos da Fundação "Casa Dr. Blumenau", o Conselho Curador, órgão máximo de administração da instituição, reuniu-se, dentro do último trimestre do ano, ou seja, dia 29 de novembro, para cumprir extensa ordem do dia e que constou do seguinte: 1) posse dos dois novos conselheiros recém-nomeados pelo prefeito municipal, e que foram os srs. Arthur Fouquet, substituindo o falecido Dr. Afonso Rabe e o sr. Willy Sievert, substituindo o sr. Frederico Blaul, que foi residir em Santa Cruz do Sul.

Após a posse dos dois novos conselheiros, foi procedida a eleição do novo presidente, já que a vaga deixada pelo Dr. Afonso Rabe, ainda se achava aberta. A eleição foi feita por aclamação dos presentes e a escolha recaiu na figura do advogado e contabilista Elimar Baumgarten, o mais antigo conselheiro, pois que integra o Conselho desde a sua criação em 1972.

Após assumir a presidência, o sr. Elimar Baumgarten determinou o prosseguimento da Ordem do Dia, quando o diretor executivo jornalista José Gonçalves fez prestação de contas com um relatório a respeito de tudo o que foi realizado durante o ano nos diversos setores da instituição, ou sejam, Biblioteca, Arquivo Público, Museu da Família Colonial, Parque Botânico e Gráfica.

Após a exposição, outros assuntos foram tratados, entre eles a apresentação da proposta orçamentária para 1989, que foi aprovada pelos srs. Conselheiros e o projeto em estudos para a construção, no ano de 1989, de um Museu da Indústria de Blumenau, casa que abrigaria um mostruário de cada uma das indústrias blumenauenses, no que concerne a um dos maquinários mais antigos, assim como fotos e a história da empresa, permitindo assim a que as gerações atuais e as futuras possam assimilar-se com a memória histórica do parque industrial blumenauense e alcançar plena aculturação neste setor, enriquecendo seus conhecimentos, conhecendo a pujança da indústria blumenauense, assim como poderá, o Museu, dar aos visitantes de outras regiões do país, um retrato da potencialidade industrial e das origens de nossas indústrias, algumas das quais começaram com a própria fundação de Blumenau.

Com o apoio do empresariado blumenauense, espera a Fundação "Casa Dr. Blumenau", valendo-se dos incentivos à cultura previstos na Lei Sarney, poder construir mais uma obra que orgulhará a todos os filhos desta terra. Segundo foi comunicado na reunião, já existem algumas adesões de empresas blumenauenses em torno do projeto, garantindo algumas delas que investirão na obra que preservará a memória histórica no setor da indústria blumenauense.

O Conselho Curador deu plenos poderes ao diretor executivo

para que dê andamento ao desenvolvimento do plano, devendo, até janeiro, já estar elaborado um ante-projeto que será encaminhado à todas as indústrias locais, para estudos e suas decisões à respeito da colaboração financeira e da participação, com mostruário, no futuro Museu da Indústria de Blumenau.

O perfil de um notável escritor e jornalista

A figura de Georg Knoll descrita no Livro do Centenário da Imigração Alemã, de Gottfried Entres, à página 253

“Nasceu em 1861 em Cronberg, Frankfurt Alemanha e veio em 1880 como colono para Blumenau.

Seguiram 40 anos da peregrinação por nosso Estado.

Desde 1903 foi promotor público.

Iniciou as atividades literárias em 1884 como cooperador dos jornais (Immigrant, Blumenauer Zeitung, Koloniezeitung, Deutsche Tat, além do “Lageano” e “O Trabalho” em língua portuguesa).

Também escreveu para o Rotermund-Kalender e Uhle-Kalender. Em especial contos e poesias.

Sobre suas atividades literárias ele próprio comenta muito drasticamente: “Não há profissão mais espinhosa do que a de um escritor ou publicitário no sul do Brasil. Nem duas peles de rinoceronte resguardariam a pele das setas envenenadas da calúnia e das tentativas de desonra.”

Georg Knoll traduziu obras de José de Alencar e Monteiro Lobato para o Alemão.”

(Tradução: Edith Sophia Eimer)

Primeira apresentação musical no “Carlos Gomes”

O que diz à respeito o jornal “Der Urwaldsbote”, em “Notícias Locais”, edição de terça-feira, dia 29 de abril de 1941:

“O concerto de sábado passado, contou com um dos mais brilhantes acontecimentos deste ano. O salão do Teatro Carlos Gomes estava superlotado para a primeira apresentação de nosso Heinz Geyer com alguns trechos da ópera “Anita Garibaldi”. Mesmo que tenham sido tomadas providências para melhor compreensão do texto, a idéia do sr. José Ferreira da Silva foi ótima, com a distribuição de um libreto, relatando os quadros e que foram lidos pelo sr. Franz Brack, e assim foi afastada a dificuldade para muitos.

Toda a apresentação foi brilhante; o papel de Anita foi vivido pela sra. Gusey Delitsch, e seu partner foi o sr. Franz Brack, que foi igualmente brilhante. O mesmo podemos dizer também das outras solistas, como a sra. Heinz Geyer e a sra. Fuchs. Todo o elenco foi de uma atuação impecável.

A história de Ibirama na correspondência dos imigrantes

Carta escrita por G. G., de Porto Alegre, para a diretoria da Sociedade Colonizadora Hanseática e publicada no jornal "Der Hansabote", terceiro ano, nr. 9, de 1.º de junho de 1907, tendo como editor Dr. Aldinger:

"Porto Alegre, 26 de março de 1907. — Prezada Diretoria da Sociedade Colonizadora Hanseática — Hamônia. — Com a presente tomo a liberdade de fazer algumas perguntas e cuja resposta de antemão agradeço. Quando ler o meu nome, talvez ainda se lembre de mim. Eu tinha uma colônia em Neubremen (Nova Bremen).

Até o presente momento, felizmente passei bem e em 10 meses já economizei alguns 100\$. Tenho um bom emprego. Pretendemos adquirir — e seja dito — para estímulo e honra da Hansa, uma meia colônia lá, que vale mais que duas das colônias particulares daqui, ou mesmo uma do governo.

Minha esposa que tanto desejava sair da Hansa, agora quer novamente voltar, razão por que gostaria de saber se a construção da via férrea acontecerá, e se podemos contar com a mesma, bem como se a aquisição de uma colônia foi reduzida em preço?

Gostaria muito de saber as atuais condições de compra, pois queremos economizar mais alguns 100\$ e regressar a Hansa. Também estou interessado no que se refere aos bugres. Saber se ainda estão atacando as casas em Neubremen.

Em especial, gostaria de endereçar o seguinte aviso a conhecidos e que estejam pretendendo sair da Hansa: que não o façam para o Rio Grande do Sul, porque uma pobreza como aqui existe, creio que não existe em lugar nenhum. São casos isolados em que um ou outro consegue um bom emprego. A maioria vive na penúria. Também na Argentina não existe clima para um operário. Sei disto por intermédio de muitos que encontrei aqui. Todos dizem que a Argentinian não é terra para um cidadão alemão. Atenciosamente, G. G."

NOITE DE AUTÓGRAFOS MARCOU MAIS UMA PROMOÇÃO CULTURAL DA FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Juntamente com uma exposição de pinturas da artista blumenauense Helena M. Buzzi, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" promoveu, na mesma noite de 23 de novembro de 1988, uma noite de autógrafos, com o lançamento, pelos autores dos livros: "A Igreja na Colonização Italiana no Médio Vale do Itajaí", de Aléssio Berri, e "Ave de Rapina", de Ralf Kraft, além do lançamento, pela própria Fundação, do livro de J. J. Tschudi, "As Colônias de Santa Catarina", uma edição em conjunto com o Conselho Nacional de Pesquisa de Qualidade (CNPq).

O acontecimento levou até a Biblioteca da Fundação, elevado número de pessoas que foram prestigiar o acontecimento, aplaudir os autores e a artista plástica.

Com esta promoção, a Fundação "Casa Dr. Blumenau" encerrou com sucesso as atividades culturais do ano corrente, pretendendo, no entanto, se possível, editar até fins de dezembro corrente a antologia de contos e poemas programada.

A NOSSA MENSAGEM



Os últimos dias deste ano de 1988, estão terminando. Com eles, ficam as lembranças de tudo o que vivemos até aqui. E renovam-se as esperanças de que, em 1989, possamos continuar vivendo com a mesma disposição com que atravessamos este ano.

Para a Fundação "Casa Dr. Blumenau", instituição que atua no campo da cultura, preservando a memória histórica em geral e incentivando a leitura para o crescente desenvolvimento da aculturação das gerações de blumenauenses, o novo ano que vai surgir é esperado com otimista expectativa.

Esperamos poder, em 1989, concretizar um projeto há tanto tempo acalentado, entre outros planos de progresso dentro da nossa área de ação; criar o Museu da Indústria, uma casa destinada a mostrar a pujança do parque industrial blumenauense, a origem de cada empresa, suas dificuldades, suas vitórias no crescimento de sua produção. Esse projeto será vitorioso, porque contaremos com os que mais poderão se interessar pelo mesmo, ou seja, a própria comunidade industrial blumenauense.

Enquanto aguardamos a oportunidade de nos lançarmos a esta nova tarefa que haveremos de cumprir com o mesmo entusiasmo de sempre, desejamos expressar o penhor de gratidão da Fundação "Casa Dr. Blumenau", através de seu Conselho Curador, a direção executiva e funcionários, a todos quantos nos prestigiaram em 1988, contribuindo financeiramente, fazendo uso da nossa Biblioteca, pesquisando em nosso Arquivo e visitando nosso Museu e Parque Botânico, esperando que esse apoio se repita em 1989.

Aos leitores de "Blumenau em Cadernos", assinantes, apoiadores, a nossa gratidão imorredoura, e a certeza da continuidade deste trabalho que visa preservar, para o futuro, a memória histórica do passado e do presente.

Finalmente, em nome dos que mourejam nos diversos setores desta casa, os votos de que, em todos os lares, da comunidade universal, aconteça um Natal muito alegre e feliz e que 1989 seja um ano próspero e de paz!

ÍNDICE GERAL

Jubileu de Prata do Grande Hotel Blumenau — Redação	2
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff ...	3
A História de Neu-Breslau (Atual município de Pres. Getúlio) — Victor Schleiff	5
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	12
Carta do Leitor — Redação	14
Relatório anual das atividades do Museu da Família Colonial - 1987	15
Os Botocudos do Rio Plate — José Deeke	17
Aconteceu... Dezembro de 1987	22
A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes	23
Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes do seu povo — Maria Batista Nercolini	26
Fundação “Casa Dr. Blumenau” recebe valiosos benefícios da Ale- manha — Redação	31
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	34
Canti dei nostri Nonni — Canções de nossos Avós	35
Figura do Presente — ERNA BERNHARDT — Gianna M. B. Buatim	36
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	40
Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes do seu povo — Maria Batista Nercolini	42
Aconteceu.— Janeiro de 1988	46
Figuras do Passado — PAULO BATHKE — Paulo B. Filho	47
Relatório das atividades do Arquivo Histórico “Prof. J. F. da Silva”	52
Episódios históricos de Blumenau — Celestino Sachet	56
A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes	58
A Colonização da Região do Itajai — José Deeke	59
Um ponto a considerar sobre a História da Química no Brasil — Antônio Salvio Mangrich	63
Colônia Príncipe Dom Pedro — documentos para sua história — Maria do Carmo R. K. Goulart	66
Fundação “Casa Dr. Blumenau” instala laboratório fotográfico — Redação	70
Genealogia da família Thomsen-Berner — Rodolfo Thomsen	71
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	80
A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes	82
Subsídios Históricos — Coord. e trad. de Rosa Herkenhoff	83
Histórico da Cidade de São Joaquim e os costumes do seu povo — Maria Batista Nercolini	85
Um desbravador da floresta virgem em lances emocionantes	89
A colônia Blumenau e outras comentadas no livro do Dr. Henry Lange	98
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	102
A História de Blumenau revela: Atribulações do fundador na ad- ministração da Colônia	104
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	107

Figura do Presente — RODOLFO THOMSEN — José Gonçalves ..	110
Embaixador da DDR visitou a Fundação “Casa Dr. Blumenau” — Redação	114
Bugres matam e saqueiam em Timbó (Carta de 1876)	115
Família Diegoli — Maria do Carmo R. K. Goulart	116
A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes	118
Associação Gynnastica Blumenau — Edith Kormann	119
Aconteceu... Fevereiro de 1988	124
Ponte “Engenheiro Emílio Odebrecht” em Indaial, Conhecida tam- bém como “Ponte dos Arcos” — Frederico Kilian	127
Livro “90 Anos de História Econômica de Blumenau” será editado com apoio dos empresários — Redação	128
Você Sabia? — Redação	128
Comunidade Católica de Testos Salto — Notas — Pe. Antônio Francisco Bohn	130
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	133
Do Vale do Itajaí para a Amazônia e a França — Lauro Junkes	135
Notas sobre imigração polonesa — Maria do Carmo R. K. Goulart	138
O drama que viveram alguns colonos alemães em São Paulo	143
O surgimento de Blumenau — Tradução de Alfredo Wilhelm	145
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	147
A presença do negro na região de Blumenau — Sueli Maria Van- zuita Petry	151
Figura do Presente — João Carlos Frederico Wilmsen — José Gonçalves	154
Aconteceu... Abril de 1988	157
Os auxiliares do Dr. Blumenau, biografados por José Deeke	159
Anúncio de 1897 sobre o falecimento de Fritz Müller	160
Um padre franciscano — Antônio Roberto Nascimento	162
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	163
A imprensa de Santa Catarina no começo do século — Trad. de Alfredo Wilhelm	164
Os auxiliares do Dr. Blumenau, biografados por José Deeke	165
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	168
Dezoito meses na América do Sul e suas colônias alemãs — Trad. de Edith Sophia Eimer	170
A Família Bohn em Santa Catarina — Pe. Antônio Francisco Bohn	172
A História de Blumenau na Correspondência dos Imigrantes	175
Construções em Blumenau — 1901 — Trad. de Alfredo Wilhelm	176
Acidentes rodoviários em Blumenau no mês de Abril — 1988 — Redação	177
Figuras do Presente — Henrique Herwig — Redação	178
O Primeiro Clube Carnavalesco de Blumenau “1897” (?)	183
Os tempos não mudaram... (Carta de Carl Hoepcke ao Dr. Blu- menau)	184
Aconteceu... Maio de 1988	185
Naturalização do Padre José Maria Jacobs	187
As viagens (de automóvel) em 1913	188
Ido Knoll — A poetisa teuto-brasileira	189

Polêmica entre Fritz Müller e Friedenreich	190
Figura do Passado comentada por G. Arthur Koehler (Professor August Schnitzler)	191
Os primeiros 25 anos do "Der Urwaldsbote" — Trad. de Edith Sophia Eimer	192
Pequena crônica de antepassados — Orestes Nesti	194
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	207
Conselho Curador se reúne e presta duas homenagens — Redação	208
Acervo bibliográfico de Norton Azambuja foi doado à Fundação "Casa Dr. Blumenau" — Redação	208
Dr. Afonso Rabe (falecimento) — Redação	209
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	212
Figura do Presente com muita história do Passado (Jaime de Oliveira Coelho) — José Gonçalves	214
Dezoito meses na América do Sul e suas colônias alemãs — Trad. de Edith Sophia Eimer	217
Frederico Kilian — Redação	222
Aconteceu... Junho de 1988	223
A Família Bohn em Santa Catarina — Pe. Antônio Francisco Bohn	226
Timbó — Edith Kormann	229
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	238
Figura do Passado (Otto Wille) — Trad. de Edith S. Eimer	239
Martinho Bruning rastreia o sentido da vida e dos acontecimentos — Lauro Junkes	242
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	244
De janeiro a junho ocorreu uma redução de 169 acidentes de trânsito em relação ao mesmo período de 1987 — Redação ...	246
Doação de livros — Redação	247
Cartas — Frei Brás Reuter — Redação	247
Fundação Indaialense de Cultura — Redação	248
LIVROS — Redação	248
A construção da saudosa Estrada de Ferro Santa Catarina, com sua história narrada nas páginas do jornal "Blumenauer Zeitung"	249
Aconteceu... Julho de 1988	254
Weingarten, a cidade alemã amiga de Blumenau envia mensagem — Alfredo Wilhelm	256
Fundação "Casa Dr. Blumenau" inaugura acervo para educação especial — Redação	258
A Família Bohn em Santa Catarina — Pe. Antônio Francisco Bohn	259
A procura da Biblioteca justifica seu crescimento — Redação ...	260
Iniciativa louvável para a preservação de memória do Balneário Camboriú	261
Subsídios Históricos — Coord e Trad. de Rosa Herkenhoff	262
Figura do Passado na Vida Joaquinense (Geraldo Coral) — José Gonçalves	266
A poesia descerá como uma bênção ou porrada — Lauro Junkes	268
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	271
Nos 160 anos da imigração alemã (1829-1989) — Três irmãos ci-	

dados honorários de três cidades	274
Aconteceu... Agosto de 1988	280
Obra de J.J. Tschudi relativa à Santa Catarina é editada pela Fundação "Casa Dr. Blumenau" em co-edição com o CNPq — Redação	282
Audiência Consular da R.D.A. em Blumenau — Redação	283
Estrada de Ferro Santa Catarina — Fritz Freitag	284
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	286
A filha do Presidente Tovar e Albuquerque — Antônio R. Nasci- mento	289
Livros doados à Biblioteca — Redação	297
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. de Rosa Herkenhoff	297
Movimento da Biblioteca em setembro — Redação	298
Figura do Passado (Udo Deeke) — João Maria Deeke	299
Empresa Auto-Viação Catarinense, uma semente lançada em 1928 e que se transformou em frondosa e vicejante árvore — José Gonçalves	302
Imigração polonesa (Homens que atuaram na sua história) — Maria do Carmo R. K. Goulart	307
O trabalho na pedra (UFSC)	311
LIVROS (Brasil quando José) — Redação	312
Aconteceu... Setembro de 1988	313
Videira resgata a memória histórica, inaugurando o Museu do Vi- nho — José Gonçalves	315
A Colônia Hammonia 1879 - 1922 — José Deeke	318
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	333
Fidelidade a Napoleão — Frei Estanislau Schaette	337
Peixes do Itajaí e do Garcia — Carlos Eduardo Zimmermann ...	338
Subsídios Históricos — Coorden. e Tradução: Rosa Herkenhoff .	342
A Família Bohn em Santa Catarina - VI — Pe. Antônio F. Bohn	344
Genealogia da Família Emil Wehmuth — Rodolfo Thomsen	346
Aconteceu... — Outubro de 1988	353
Jubileu (50 anos) de sacerdócio — Redação	356
Frederico v. Ockel denuncia atos de corrupção de comissão cons- tituída no ano de 1883 — Já naqueles tempos... ..	357
As lutas políticas em Blumenau no século passado	358
Dois novos conselheiros integram o Conselho Curador da Funda- ção "Casa Dr. Blumenau"	360
A presença de Teixeira de Freitas em SC — Antônio R. Nascimento	361
Dois contos pitorescos — Max Meinecke	363
Conselho Curador reuniu-se e deu posse a dois novos conselheiros	365
A nossa mensagem	368

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

S9015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Afonso Rabe; vice-presidente — Antonio Pedro Nunes.

MEMEROS: Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urdá Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA